**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**ESTUDO TOPONÍMICO DO MUNICÍPIO DE BARRA DO GARÇAS,
MICRORREGIÃO DO MÉDIO ARAGUAIA, MATO GROSSO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O ATLAS TOPONÍMICO DE MATO GROSSO.**

FLORISVALDO FERNANDES DOS SANTOS

São Paulo

2005

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**ESTUDO TOPONÍMICO DO MUNICÍPIO DE BARRA DO GARÇAS,
MICRORREGIÃO DO MÉDIO ARAGUAIA, MATO GROSSO: CONTRIBUIÇÃO
PARA O ATLAS TOPONÍMICO DE MATO GROSSO.**

FLORISVALDO FERNANDES DOS SANTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Área de Concentração de Semiótica e Lingüística Geral, do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

São Paulo

2005

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade e pelo privilégio que nos foi dados em compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte em profundidade, das nossas vidas.

A minha orientadora e amiga, Profª Drª Maria Vicentina pelo constante incentivo e paciência, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade.

A todos os professores e seus convidados pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

A Profª Drª Maria Margarida de Andrade e Profª Drª Guiomar Fanganiello Calçada, pelas sugestões minuciosas e precisas.

A minha colega Alessandra Antunes pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa rara demonstração de amizade e solidariedade.

A minha comadre Patatas, pelas palavras de ânimo, incansável disposição para nos auxiliar, incontáveis favores e leitura crítica da dissertação.

Aos colegas da PROEG/PROPG/UFMT, pela oportunidade do período de capacitação.

A PROPG/ UFMT, pela bolsa-qualificação indispensável, durante o período de afastamento.

Finalmente, a todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação.

RESUMO

Este trabalho trata da toponímia do município de Barra do Garças, microrregião do Médio Araguaia, 520, mesorregião 128, leste mato-grossense. A análise se restringiu aos topônimos apresentados no Mapa Municipal Estatístico, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, escala 1: 100.000 e na Base Topográfica dos Municípios de Mato Grosso, escala 1:100.000 disponibilizados pelo Instituto de Terras de Mato Grosso. O trabalho segue a linha metodológica do ATB, proposta e coordenada por Dick (1989) e (1994) consubstanciado em Diretórios de Pesquisa apresentados ao CNPq. O objetivo principal da pesquisa de acordo com a proposta do ATB, é levantar as ocorrências léxico-toponímicas registradas cartograficamente (mapas, estaduais, municipais, do IBGE) analisá-las do ponto de vista lingüístico (estruturas gramaticais ou morfológicas e lexias semânticas), histórico, geográfico. Essa atividade de análise levará ao estabelecimento dos campos semânticos em função toponímica e, conseqüentemente, a explicações das taxes compatíveis do ponto de vista terminológico.

Palavras-chave: Lingüística. Terminologia. Toponímia. Barra do Garças. Mato Grosso.

ABSTRACT

This study analyzes the toponymy of the county of Barra do Garças, in the Eastern part of the State of Mato Grosso, Brazil, which is situated in the micro-region of the Araguaia River Basin denominated 520, and meso-region 128. The research was restricted to the toponymy presented on the statistical map produced by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), scale 1:100.000, and on the Topographic Base of the counties of the State of Mato Grosso. Both sources were made available by the Mato Grosso Land Institute. The study was conducted in the methodology proposed by ATB, which was developed and is coordinated by Dick (1989 and 1994), and that has been consubstantiated in the Research Directories presented to CNPq. The main objective of the research is to find the lexical-toponymic occurrences that are cartographically registered (state and county maps by IBGE), and analyze them from a linguistic (grammatical or morphological structures and semantic lexis), historical, and geographical point of view. The analysis will help To establish the semantic fields in toponymic function, and consequently, will explain the compatible taxis from the terminological point of view.

Key words: Linguistics. Terminology. Toponymy. Barra do Garças. Mato Grosso.

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Introdução.....	7
I – UM POUCO DA HISTÓRIA.....	11
1.1 – O início.....	11
1.1.1 – Barra do Garças: aspectos históricos e geográficos.....	13
1.1.2 - Um pouco de história.....	13
1.1.3 – A localização geográfica.....	16
1.1.4 – A criação do município.....	16
II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1.2 – Da Europa para a América: uma visão toponímica.....	21
2.1.3 – Classificação Toponímica: modelos.....	25
2.1.4 – A Motivação do signo lingüístico em função Toponímica.....	29
III - DA METODOLOGIA E DO CORPUS.....	34
IV – ANÁLISE DO CORPUS.....	36
V – CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS.....	84
ANEXO A – Figura 1 - Mapa de Mato Grosso.....	85
ANEXO B – Quadro 1 – Topônimos do Município de Barra do Garças.....	86
ANEXO C – Quadro 2 – Quantificação dos Topônimos do município.....	96
ANEXO D – Figura 2 - Quantificação das categorias toponímicas.....	97
ANEXO E – Fichas Léxicográfico-toponímicas.....	98

INTRODUÇÃO

O ato de nomear é uma característica essencialmente humana. Não é possível a existência de referente ao qual não se atribua um significante e um significado, formadores do signo lingüístico que Saussure (1970, p. 81) considera como unidades imotivadas. Isto significa que a relação entre significante/significado e o referente não é direta nem natural e, sim, convencionada.

Os signos lingüísticos, elementos fundamentais na constituição das línguas representam simbolicamente o real e têm como função principal estabelecer a interação entre os elementos de uma determinada comunidade lingüística. Sendo a língua a forma de interação e constituição e transmissão das culturas, é por ela que a cosmovisão de um povo se manifesta.

Assim, o ato de nomear passou a ser alvo de estudo dos que se interessavam pelo tema da linguagem, dando origem ao ramo da lingüística denominado Onomástica. Mais tarde esse ramo foi formalizado em dois sub-grupos: a Toponímia e a Antroponímia. A primeira se dedica ao estudo dos nomes de lugares e iniciou-se na Europa, mais especificamente na França, por volta de 1878, tendo como seu precursor Auguste Longnon, que introduziu os estudos toponímicos na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. Das pesquisas deste estudioso, resultou a obra *Les Noms de Lieux de la France*, publicada postumamente em 1912, pelos seus alunos (DICK, 1992, p. 02).

A partir dessa obra, considerada clássica na área, muitas pesquisas teóricas têm surgido para orientar pesquisas toponímicas. Dentre elas, destacamos os estudos de Albert Dauzat (1922) que, retomando os estudos onomásticos de Longnon, realizou uma pesquisa pormenorizada acerca da formação dos nomes de lugares da França dividindo-os em categorias de nomes de acordo com suas causas históricas. Os resultados desses estudos estão

registrados no livro *Les Noms de Lieux Origine et Evolution*, obra que nos legou uma forma mais sistematizada de pesquisa na área por traçar normas a serem seguidas por aqueles que se propusessem a esse tipo de investigação (DICK, 1992, p. 02).

A segunda se dedica ao estudo dos nomes de pessoas e foi definida por Leite de Vasconcelos, em 1887, em sua obra “*Lições de Filologia Portuguesa*” como estudo dos nomes das pessoas e seres personificados.

Como o enfoque deste trabalho de investigação se limita aos topônimos do município de Barra do Garças, a ênfase será para os conceitos toponímicos, embora se possam utilizar outros, sempre que for necessário.

Apesar dos inúmeros trabalhos investigativos de cunho científico nessa área, há muito a ser feito, devido às dimensões territoriais do Brasil, pois este país ainda apresenta aspectos geo-lingüísticos não estudados, por exemplo, a influência das línguas não tupis nos dialetos não oficiais.

Uma das regiões em que se nota essa falta de pesquisas lingüísticas é a Centro-Oeste, mais especificamente o estado de Mato Grosso.

Levando em consideração que o ato de nomear acidentes geográficos ou humanos vincula-se, na maioria dos casos, a fatores extralingüísticos, como por exemplo, fatores históricos, sociais e até pessoais, estão espelhados na nomenclatura desse município, pois segundo Dick:

É pela conjunção de várias condicionantes lingüísticas ou de diversos dialetos e falares presentes em um determinado território, que se estrutura o léxico regional, considerando não só as tendências normalizadoras da língua-padrão como presença de minorias étnicas ainda participativas ou, mesmo, como dado documental, porque já extintas. A Toponímia, principalmente serve-se dessas circunstâncias de base, equivalente ou próxima de um substrato vocabular, para aí deitar suas raízes, aproveitando-se do material lingüístico que seja compatível à configuração dos conceitos que deve transmitir (1999, p. 120).

Busca-se pelo estudo dos topônimos, considerando a toponímia como um recorte do léxico de uma língua, resgatar/restruturar aspectos da realidade sócio-histórica e cultural dos povos que habitaram o município selecionado, bem como traçar o perfil e características do -local, tanto de ordem física como de natureza antro-po-cultural.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo amplo assinalar quais os fatores naturais, sociais e culturais que possam estar refletidos e, talvez, preservados nos nomes dos acidentes físicos e humanos inseridos na toponímia da região. Já seu objetivo específico é:

1. Levantar e catalogar os topônimos da localidade selecionada como objeto de estudo científico;
2. Analisar os topônimos pesquisados, segundo a taxionomia proposta por Dick (1992), com vistas a buscar a possível motivação da toponímia da localidade em seu conjunto, inserida num contexto amplo da lingüística toponímica;
3. Registrar a presença de línguas indígenas na nomenclatura geográfica do recorte territorial em estudo;
4. Fazer o detalhamento da realidade toponímica da região.

O levantamento do corpus desta pesquisa teve como fonte básica as cartas topográficas na escala 1: 100.000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), fornecidas pelo Instituto de Terras do Estado de Mato Grosso. Também foi consultado o site www.seplanmt.org.br, da Secretaria de Estado de Planejamento de Mato Grosso (SEPLAN) para confirmação dos topônimos encontrados na primeira fonte.

Na coleta do corpus foram seguidas as orientações metodológicas do Atlas Lingüístico do Brasil (ATB) e do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), projetos desenvolvidos por Dick (1989-1994).

O parâmetro utilizado para as orientações teórico-metodológicas foi o modelo de classificação taxionômica proposto por Dick (1992), por ser um modelo elaborado para

realidade brasileira, o qual abrange dois planos de motivação dos topônimos: o de natureza física e o de natureza antro-po-cultural.

Este trabalho é composto por cinco capítulos. O primeiro apresenta a história do município, o segundo reporta-se às teorias da lingüística toponímica de Lyons, Longnon, Dauzat, Drumond e Dick que embasam o estudo. No terceiro descreve-se a metodologia e o corpus. O quarto é referente à análise dos dados e o quinto apresenta as considerações finais.

CAPÍTULO I - UM POUCO DA HISTÓRIA

1.1 – O INÍCIO

Não se pode apresentar a história do município de Barra do Garças, sem antes nos atermos à História do Brasil e seus reflexos na história de Mato Grosso.

Segundo Ferreira (sd), a vida humana em Mato Grosso data de quinze mil anos, com a chegada, ao território, de povos indígenas de características étnicas diversificadas e por caminhos tanto de Oeste para Leste, como de Norte para Sul, oriundos das Ilhas do Pacífico.

Para se falar na constituição do Estado de Mato Grosso é necessário reportar-se ao processo de ocupação do espaço brasileiro, a partir do século XVI, com o estabelecimento das Capitânicas Hereditárias que garantiram a Portugal o domínio da região litorânea, evitando a invasão estrangeira. Este fato levou ao povoamento disperso da região litorânea.

A necessidade de expansão para oeste, com a intenção de aprisionarem índios, levou a capitania de São Paulo a organizar expedições, de caráter mercantil, que para conseguirem o produto comercializável – índio – atiravam-se pelos sertões, ultrapassando a linha demarcatória do Tratado de Tordesilhas.

As bandeiras tinham como função, até meados do século XVII, aprisionar índios para vendê-los no mercado escravagista do nordeste e outras regiões brasileiras, e na segunda metade do século XVII surgiu o bandeirismo prospector, cujo objetivo era descobrir ouro e pedras preciosas no interior do Brasil.

Essas incursões prospectivas levaram as bandeiras a ultrapassarem o meridiano do Tratado de Tordesilhas o que garantiu à coroa Portuguesa, pela posse (*uti possidetis*), a incorporação de novas áreas. A ação dos bandeirantes, do ponto de vista demográfico, levou à formação dos primeiros povoados no interior do país.

No entanto, o território ocupado por Mato Grosso no século XVII continuava praticamente inalterado, pois não oferecia nenhum produto que pudesse ser comercializado na metrópole portuguesa.

O nome Mato Grosso originou-se em 1730, quando os irmãos Paes de Barros, exploradores, vindos das exauridas minas que originaram Cuiabá, chegaram à planície oposta ao campo dos Pareci e depararam com matas muito espessas e altas. Embora este tipo de vegetação não ocorra em toda a superfície do Estado, o nome foi mantido e oficializado pela Carta Régia de 9 de maio de 1748.

Este território era ocupado, esporadicamente, por algumas expedições hispânicas que construíram fortificações e por entradas e bandeiras que tinham como finalidade aprisionar índios.

A ocupação efetiva dessa região se deu a partir da Fundação de Cuiabá, originada pela descoberta de ouro pela bandeira chefiada por Paschoal Moreira Cabral, em 1719.

Em 1662, partiram de Piratininga, pelo sertão adentro do oeste brasileiro, duas bandeiras, uma de Bartolomeu Bueno da Silva – o Anhanguera - e seu filho de 12 anos; e a outra de Manuel de Campos Bicudo que também levava seu filho Antônio Pires de Campos de 14 anos que mais tarde substituiu o pai na liderança de novas bandeiras.

Este, depois de meses de jornada, alcançou uma região de vegetação rala, e divagando-se para o norte, encontrou um rio de águas caudalosas que denominou Porto do Rio Grande, que mais tarde foi denominado de Registro do Araguaia ou Araguaiana.

Depois de atravessar o rio, percorreram por meses o território, alcançando um chapadão quando desabava uma tempestade. Os homens abrigaram-se em grutas e à luz dos relâmpagos viram umas formações rochosas com formas estranhas, parecendo Os Martírios de Cristo no Calvário.

Segundo Pitaluga (sd, p. 15) nessa região, à beira do rio, os meninos filhos dos chefes das bandeiras, brincavam com pedriscos redondos de ouro e escolheram alguns que levaram

consigo, embora desconhecendo seu valor, mas que depois foram reconhecidos como ouro. Isto motivou a busca desenfreada do lugar.

Apesar de terem tomado todas as notas sobre a rota seguida pela bandeira de Campos Bicudo, nunca mais nenhuma expedição encontrou a famosa Serra dos Martírios.

No entanto, a lenda sobre a existência de tal mina levou inúmeras expedições a procurá-la, e conseqüentemente, a desbravar a região.

Foi nessa ânsia de busca de ouro e de mão de obra para obter lucro que as terras de Mato Grosso foram palmilhadas. Sua importância, contudo, só foi reconhecida por parte da coroa portuguesa, depois de conhecida a abundância de veios auríferos e diamantíferos, ali existentes.

1.2 - BARRA DO GARÇAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

1.2.1 – Um pouco de história

A procura da Serra dos Martírios, ou Minas dos Martírios, ocasionou a descoberta e o povoamento do território, hoje, município de Barra do Garças.

O primeiro bandeirante de que se tem notícia, que saiu à procura da lendária mina, foi Amaro Leite Moreira. Ele seguia os roteiros deixados pelos primeiros bandeirantes. Saindo de Caratinga, cidade de Porto Feliz, desceu vales e atravessou o Araguaia no local que denominaram Porto Grande. Depois dele outros vieram, inclusive o filho de Anhanguera.

Segundo Ferreira e Moura e Silva (sd), durante a Guerra do Paraguai foram criados três presídios na região do Araguaia: Ínsua, Passa Vinte e Macedina, que serviam também como postos de registro fiscal.

Segundo Mendonça (1973), o povoamento efetivo da região, iniciou-se com a criação do presídio de Ínsua, em 14 de maio de 1780, que mais tarde foi transferido para Porto do Rio Grande.

Segundo o mesmo autor, a existência de grandes nações indígenas já havia sido constatada na região, e uma das maiores era a Caiapó, conforme Curt Nimuendaju (apud Varjão, 1985), pesquisador alemão que estudou as etnias indígenas do Brasil no século XVIII, dando notícia sobre a extensão e densidade populacional dos Caiapós e Araés, na região centro oeste, que a partir dessa época foram expulsos lentamente pelos colonizadores brancos.

Como bons guerreiros, os índios reagiram e cometeram “crueldades” contra os invasores brancos, atacaram e mataram os colonos, e os sobreviventes brancos começaram a debandar.

Para evitar o processo de despovoamento da região foi criado o presídio de Macedina que, segundo matéria publicada no Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, em 22 de setembro,

servirá desde já como ponto de apoio, quer para comunicação quer para defesa das duas províncias de Goiás e Mato Grosso, podendo prestar importante auxílio à catequese dos indígenas que povoam às margens do Araguaia e de seus afluentes (apud VARJÃO, 1985).

O ponto obrigatório de parada dos militares que transitavam entre os presídios e a capital da província era o Rio das Garças, em local assinalado por uma pedra chamada de Pedra da Barra Cuiabana. Foi esta a primeira denominação da cidade.

Em 1897, Antonio Cândido de Carvalho encontrou diamantes no Rio das Garças o que trouxe muita gente para a região do Araguaia, cuja economia se dividia entre garimpagem e a extração do látex da mangabeira, que proliferava no cerrado.

Com o incremento da atividade garimpeira na região, foi necessária a criação de um povoado de apoio, e Antonio Cristino Côrtes, que havia chegado à região por volta de 1914, dedicou-se a formar a futura cidade de Barra do Garças.

A fase áurea do garimpo durou, apenas, até à década de 40. O povoamento, devido ao intenso comércio na região, já se tinha desenvolvido bastante e estava em risco de decadência,

porém um acontecimento permitiu a continuação desse crescimento, a instalação da Fundação Brasil Central.

Há dois fatos importantes que devem ser mencionados:

O primeiro é o sonho do presidente Getúlio Vargas. Ele pretendia integrar o Norte e Sul do Brasil através da ocupação do Centro-Oeste. A chamada Marcha para o Oeste.

O segundo foi o fato de que em 1937, em Genebra, o representante japonês junto às Sociedades das Nações, Barão Shudo, apresentou a idéia de que:

as nações que possuíssem áreas inexploradas e não utilizassem, as matérias primas nelas contidas, deveriam ser compelidas a permitir seu racional aproveitamento por nações capazes de explorá-las para o bem comum dos povos do mundo (VARJÃO, 1985, p. 28).

Por isso, o presidente incumbiu o ministro do governo, João Alberto de Barros de providenciar uma expedição para abrir uma estrada de penetração nos sertões de Mato Grosso, que deveria entrar na Bacia do Rio das Garças com o Araguaia, tomando rumo ao Xingu, que foi denominada Expedição Roncador/ Xingu.

Essa expedição foi criada para materializar a Marcha para o Oeste. Com o sucesso da primeira expedição, o então Governo Federal autorizou, pelo Decreto-lei nº. 5.878, de 4 de outubro de 1943, a instituição da Fundação Brasil Central, órgão diretamente ligado à Presidência da República, para organizar as expedições que iriam desbravar e colonizar as áreas compreendidas entre os altos dos rios Araguaia e Xingu, e do Brasil Central e Ocidental. A esta Fundação foi incorporado o acervo da Expedição Roncador/Xingu.

A partir dessa Marcha para o Oeste, novos municípios foram sendo criados e muitos extintos, originando outros, na mesorregião do Médio Araguaia, Barra do Garças, Araguaiana e Cocalinho e na mesorregião de Tesouro, Araguaína, Torixoréu, Pontal do Araguaia, Ponte Branca, Guiratinga, General Carneiro, Poxoréu, Ribeirãozinho e Tesouro.

Note-se que, no estado de Mato Grosso, o município de Barra do Garças foi o mais beneficiado pela ação da Fundação Brasil Central. A Fundação também criou escolas e centro de atividades como os do Vale dos Santos e Xavantina.

Foi a Fundação, segundo Varjão (1985), a nossa Interland, que permitiu o desenvolvimento a ponto de lançar uma bandeira de interiorização brasileira que possibilitou o crescimento da região Centro-Oeste.

2.1.1 - A Localização Geográfica

O município de Barra do Garças está localizado ao Leste do Estado de Mato Grosso, na microrregião 528, mesorregião 128, Médio Araguaia, cujas coordenadas são 15° 49' 0" latitude sul e 52° 09' 08" longitude oeste de Gr.

Sua extensão territorial é de 9.711,83 Km². É limitado ao Norte pelo município de Araguaiana, ao Sul pelo município de Pontal do Araguaia, ao Leste pelo Estado de Goiás, a Oeste pelos municípios de General Carneiro e Novo São Joaquim, a Sudeste pelo Estado de Goiás e a Nordeste pelos municípios de Nova Xavantina e Araguaiana, conforme se pode observar na Figura 1, Anexo A.

2.1.2 – A Criação do Município

Embora a história do desbravamento e ocupação seja relativamente antiga, a fundação do município é recente.

Segundo Ferreira (1997), a criação do município de Barra do Garças veio a ser uma encampação do município de Araguayana, ou seja, deu-se a mudança da sede do município de Araguayana para Barra do Garças, passando Araguayana a distrito de Barra do Garças.

A primeira denominação do atual município foi Pedra da Barra Cuiabana, que passou a fazer parte da Paróquia do Araguaia, criada pela Lei nº 211, de 10 de maio de 1889, passada

a Freguesia do Registro do Araguaia, pela Lei nº 387, de 12 de abril de 1904, sancionada pelo presidente Antônio Paes de Barros.

O Decreto de nº.32, de 21 de dezembro de 1935 criou o Distrito de Paz de Barra do Garças. Mas o município só foi implantado em 15 de setembro de 1948, através da Lei nº. 21 na qual se lê:

Artigo 1º - O município de Araguaiana passa a ter a denominação de município de Barra do Garças.

Artigo 2º - Fica a sede do município transferida para Barra do Garças, que é elevada à categoria de cidade.

O Fundador da cidade de Barra do Garças foi Antonio Cristino Côrtes. Foi ele que alinhou as ruas, designou as primeiras pedras e distribuiu lotes. Este desbravador havia-se mudado para a Barra Cuiabana em 1914.

Emiliano Costa abriu a primeira empresa comercial da cidade de Barra do Garças em 1924, e a primeira escola foi criada em 1932.

Por esse território passou a Coluna Prestes para incorporar-se aos garimpeiros do Leste, mas não o fez.

A partir da década de 60, Barra do Garças tornou-se pólo regional de Mato Grosso, pelo seu desenvolvimento e importância.

Varjão (1985) divide a evolução histórica do município em 4 fases: 1ª A Garimpeira, a 2ª fase da Fundação Brasil Central (1943-1964), a 3ª fase Agropecuária com Incentivos Fiscais (1964-1973) e a 4ª Contemporânea (os Gaúchos e a Agricultura).

É sobre a Toponímia desse município que se irá tratar nos próximos capítulos, tendo como fundamentação a bibliografia citada.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se organizarem no espaço e no tempo, os homens denominam seres e ações. Só assim as sociedades primitivas conseguiram se comunicar com sucesso. Este ato lingüístico cultural permite descobrir relações diversas entre os povos de outrora e os de hoje. Foi a estratégia intelectual que permitiu ao homem apoderar-se, de forma simbólica, da realidade que o cerca.

Nota-se também que, conforme Dick (1990, p. 06), nos diferentes sistemas culturais, a denominação de seres ou acidentes geográficos se inscrevem em campos diversos das ciências como geografia, antropologia, o que pode propiciar o conhecimento da mentalidade do denominador, não apenas como elemento isolado, mas também como projeção de seu grupo social.

Embora o ato de denominar seja comum a todas as línguas, ele não é aleatório, pois cada povo tem suas especificações para realizar o ato de nomear, de “vivenciar os nomes dados” o que, segundo Dick, (1992, p. 01), “os torna adequados a uma discussão acadêmica” pois esse “vivenciar” os aproxima do meio ou fato motivador. Além de que o fato simples de reconhecer e nomear um objeto supõe um aprofundamento explícito ou implícito (SANTOS, 1999, p. 53).

Assim, nasce à ciência que se ocupa dos estudos dos nomes próprios, a Onomástica. Esta se divide em dois campos de investigação/pesquisa: 1) *A Antroponímia, do grego anthrópos (homem) mais o sufixo grego – onímia ou onimia* (HOUAISS, 2001), a qual tem por objeto de estudo os nomes próprios de pessoas, e que Dick (2000, p. 218) considera “como um subsistema da onomástica”, uma vez que como forma lingüística permite distinguir o indivíduo dentro de sua comunidade, além de estabelecer a forma parental que liga o indivíduo pelos laços de sangue a um grupo familiar. Esta forma lingüística parental é importante socialmente e hoje é chamada de sobrenome. O nome, propriamente dito ou

prenome individual, é o resultado do ato de desejo e escolha dos pais, de padrinhos ou da família. 2) A Toponímia cujo objeto é o estudo dos nomes de lugares. Este ramo da onomástica é definido por Houaiss como sendo à parte desta que estuda os nomes próprios de lugares, lista ou relação de topônimos, e para Greimas (1979, p. 446) topônimo na qualidade de designação dos espaços por meio de nomes próprios, fazem parte da onomástica, subcomponente de figuratização. Juntamente com os antropônimos e os cronotôponimos permitem uma ancoragem histórica a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido ‘ realidade’ ”.

A definição feita por Salazar – Quijada (1985, p.18) de toponímia “*aquella ramo de la onomástica que ocupa del estudio integral, em el espacio em el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos y antro-po-linguísticos que permitieron e permiten o nombre de lugar se origine e subsista*” traduz de forma clara a importância da toponímia para o estudo das relações geo-históricas e sociais do(s) povo(s) que habitam ou habitaram uma determinada região.

Enquanto ciência, e como tal reconhecida, a Toponímia é bastante recente. Teve início na França, por volta de 1878. Seu precursor foi o francês Auguste Longnon introdutor dos estudos toponímicos na *École Pratique des Hautes-Études* e no *Colège de France*. Infelizmente Longnon não publicou sua obra em vida. Só depois de sua morte é que um grupo de ex-alunos trouxe a público a obra, que se tornou clássica na área, *Les Noms de Lieux de la France*, em 1912, (Dick, 1992, p.2).

Este marco originou diversas perspectivas teóricas que têm orientado pesquisas toponímicas. A mais conhecida é de Albert Dauzat (1922) que retomou os estudos de Longnon, realizando uma pesquisa pormenorizada que deu origem à obra *Les Noms de Lieux Origine et Evolution*, a qual proporcionou o conhecimento de um sistema de normas que até hoje são seguidas pelos pesquisadores dessa área (Dick, 1992, p.02). Vale ressaltar que Dauzat se preocupou com o estudo etimológico e a reconstituição histórica de cada um dos

topônimos, se preocupando, também com as transformações fonéticas dos nomes. Apesar dessa restrição, cabe aos franceses Longnon e Dauzat o mérito de terem despertado o interesse sobre o estudo deste campo da lingüística - toponímia em todo o mundo.

O pesquisador Teodoro Sampaio é o nome consagrado dos primeiros estudos toponímicos de origem indígena do Brasil. Sua proposta de pesquisa era verificar a presença da língua tupi na nomeação toponímica brasileira. Sua obra intitulada “O Tupi na Geografia Nacional”, publicada em 1901, Teodoro Sampaio afirma que os estudos etimológicos e históricos dos topônimos são bases que devem ser conhecidas/estudadas, pois há a possibilidade do significado do signo toponímico refletir características físicas e históricas do topônimo em que foi criado. Tal argumento era defendido tendo por base a constatação da forma de nomear dos tupis que era baseada no caráter descritivo do ambiente em que o nome se inseria, transformando “*um topônimo em espécime simbólico de ícone*”, uma vez que demonstraria a vinculação dos topônimos aos traços ambientais, (DICK, 1992, p.41), porque conforme Santos (1997), a associação entre objetos naturais, juntamente com objetos sociais - fabricados pelo homem – assumem uma posição na configuração da paisagem e quase a determina.

Além disso, através de estudos etimológicos dos topônimos de um determinado espaço geográfico, pode-se obter informações sobre as diferentes, ou semelhantes, famílias lingüísticas que o ocuparam, porque além de outras razões “... o homem modifica a natureza primeira, a natureza bruta, a natureza natural, socializando dessa forma o que Teilhard de Chardin chama de ‘ecossistema selvagem’ Santos (1978).

3.1.1 – Da Europa Para a América: Uma Visão Toponímica

Os estudos toponímicos se expandiram pela Europa e América, em ordem sincrônica. Na Europa citamos o filólogo português José Leite de Vasconcelos que, particularmente, em

sua obra *Opúsculos* – vol. III: *Onomatologia*, de 1931, obra pioneira da onomástica portuguesa, apresenta a Glotologia como ramo da Onomatologia, a qual estuda os nomes próprios. O autor português define toponímia como “estudo dos nomes de sítios, povoações, nações (...) rios, montes, vales etc”.

A essência de seu estudo é tipicamente francesa, pois estuda a origem dos nomes por línguas, analisa as transformações fonéticas e de formação gramatical do topônimo, além de classificar por categorias segundo os eventos que originaram o nome, Vasconcelos (1931: 03). Os trabalhos apresentados até agora se restringem ao estudo de natureza puramente lingüística dos topônimos, dado o caráter essencialmente etimológico e histórico do signo. Há, possivelmente, e devido ao pioneirismo das obras, uma incompletude nestes estudos. Os fatos extralingüísticos, citados por Dick (1990, p.19) que considera a toponímia de um espaço geográfico como “conservadora das tradições e dos costumes de um povo, ou das características topográficas locais mais sensíveis”, podendo ser desvelados através da análise dos elementos formadores dos signos toponímicos. Conforme se pode perceber, (DICK, 2000, p.232) mostra a relevância dos elementos extralingüísticos para a construção do significado do topônimo, especificamente os aspectos culturais do grupo, bem como dos aspectos físicos característicos da geografia do lugar, os quais são preservados por mais tempo, dado o caráter mais estático da toponímia em relação à língua falada.

Drumond (apud. DICK, 1990, p. 21) afirma que:

Aspectos importantes da análise dos fatos toponímicos, como a história das transformações dos nomes dos lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo, os nomes inspirados por crenças mitológicas visando à proteção dos santos ou de Deus, seriam assim deixados de lado pelos estudiosos.

Ambos os estudiosos, Dick e Drumond apresentam a mesma concepção de que a toponímia de um dado espaço geográfico se relaciona intimamente com fatores lingüísticos –

visão francesa – e extralingüísticos – elemento acrescentado por eles com propriedade, porque sendo a linguagem algo exclusivamente humano e que reflete a sua cosmovisão, pode-se compreender melhor a relação entre acidentes naturais que juntamente com objetos sociais – fabricados pelo homem assumem uma posição na configuração da paisagem. (SANTOS, 1999).

Levando em conta a noção de Dolfuss (apud, DICK, 1990, p.63) sobre espaço geográfico como “espaço percebido e sentido pelos homens em sua função tanto de sistemas de pensamento como suas necessidades”, podemos perceber a importância dos fatores extralingüísticos para a toponímia, os quais permitem que esta ciência se complete aliada a outras como a Geografia, a História e as Ciências Sociais. Esta associação das diferentes disciplinas não permite incorrerem em posturas unilaterais que impedirão atingir a plenitude do fato toponomástico em seu conjunto que, conforme (DICK, 1992, p.16) considera toponímia “antes de tudo [...] um complexo linguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”.

Embora essa postura eclética tomada por Dick pareça ser contraditória à de outros estudiosos que consideram a lingüística como princípio essencial da onomástica como, por exemplo, (Charles Rostaing, 1958, apud DICK, 1992, p. 16), não o é, devido ao fato de Dick (1992, p. 16) afirmar que “em sua função intrínseca a toponímia deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas”.

Segundo Dick, (ULLMANN, 196, p.161), afirma que o estudo dos nomes próprios já se havia firmado como “um ramo da lingüística, quase independente, com congressos próprios e revistas especializadas” ligado à onomástica, que se divide em Antroponímia e Toponímia.

O topônimo, enquanto fato da língua, apresenta várias interfaces que devem ser analisadas pelo pesquisador, pois além de ser um signo lingüístico e, por isso, estar ligado à lingüística, não se limita apenas à denominação do lugar, pois é um documento histórico que

vincula aspectos da natureza física e antro-po-cultural de um determinado espaço geográfico e social.

Já há estudos toponímicos que enveredam pelo caminho da multidisciplinariedade, ligando História, Geografia e Antropologia aos signos lingüísticos estudados, proporcionaram novas visões sobre os topônimos. Como exemplo do citado no período, elencam-se os casos dos Estados Unidos da América e do Canadá onde lingüistas, historiadores e geógrafos formam equipes para investigarem topônimos destes países.

Os Estados Unidos publicam o trabalho realizado por essas equipes na revista Names que é órgão oficial de divulgação da *América Name Society* a qual tem por objetivo “o estudo da etimologia, origem e significado, e aplicação de todas as categorias de nomes: geográfico, pessoal, científico, comercial e popular.” George Stewart, autor das obras *Name of the Land* e *A classification of the Land* (1954) é colaborador da revista americana. Este pesquisador elaborou um modelo de classificação toponímica que distribuiu os nomes em nove categorias. Apesar de seu modelo não atender a todas as taxes, ele foi o primeiro a considerar a motivação semântica que pode estar relacionada a aspectos ambientais, sociais e culturais, levada em consideração no ato de denominar um acidente físico ou humano, que ainda não tinham sido considerados em trabalhos anteriores.

O Brasil e a Venezuela são os países da América Latina que mais têm feito investigações toponímicas. No nosso país, destacam-se, em ordem sincrônica, Theodoro Sampaio (O tupi na Geografia Nacional, 1987), de 1901, o estudo de Levi Cardoso sobre a influência das línguas aruaque e caribe no topônimo amazonense que deu origem à obra *Toponímica Brasília* (1961), em que o autor evidencia a importância dos estudos toponímicos para a compreensão das migrações e das questões étnicas e lingüísticas de um determinado espaço geográfico (CARDOSO, 1961, p.20).

A essa obra seguiu-se outra de grande relevância para os estudos toponímicos do Brasil, realizada por Carlos Drummond, *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília*

(1965), que apresenta a contribuição do povo Bororo para a toponímia do Centro Oeste. Este autor evidencia a falta de sistematização ocorrida em estudos anteriores da Toponímia brasileira.

A lacuna apontada por Drumond foi sanada por Dick que é autora dos mais recentes e representativos estudos toponímicos no Brasil, que propõe uma sistematização metodológica para a orientação da toponímia. Dentre os vários estudos elaborados por Dick salientamos: *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, publicado em 1990, *Toponímia e Antroponímia* – coletânea de estudos publicada em 1987 e *a Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo – 1554 – 1897*, publicado em 1997, além de artigos publicados em revistas científicas.

Como podemos observar, a inserção da toponímia no meio científico europeu se deu através da investigação lingüística dos nomes geográficos nos quais era possível fazer o levantamento das transformações fonéticas sofridas pelos vocábulos, bem como as variações ortográficas, a supressão de alguns componentes do topônimo, ou a manutenção de formas consagradas, até porque a fonética e fonologia eram elementos fundamentais da lingüística da época.

Porém, a questão primeira levantada por Dauzat, incide sobre o fenômeno etimológico que deu origem à busca de um instrumento que permitisse vincular o onomástico a uma filiação genética, uma vez que o povo que habitam um espaço geográfico, seja como autóctones ou conquistadores, herdaram e receberam escalas de valores de grupos variados e distintos.

Para Dick (1987, p.370) “descobrir o seu significado (do topônimo) seria como conhecer o povo que o originou, e conseqüentemente, a sua língua, talvez até reconstituí-la nos modelos originais”.

Para firmar a toponímia como possibilitadora de demonstração das características sócio-histórico, econômicas e antropoculturais de um grupo, e

“traduzir verdadeiras áreas nomenclaturais e, por conseguinte, os principais motivos que coordenam essa nomenclatura”, é que estudiosos se dedicaram a elaborar modelos teóricos que pudessem ajudar na recuperação de fatores de ordem semântica que poderiam ter influenciado na gênese do topônimo Dick (1992).

Para tanto, retomaremos, no item seguinte deste texto, propostas de modelos de classificação toponímica, alguns elaborados por estudiosos de outros países e, no que se refere ao Brasil, o modelo de Dick e de outros trabalhos que, além de contribuírem com a proposta de inclusão de novas taxas ao modelo de Dick, que também registram recortes regionais de nomenclaturas geográficas brasileiras.

3.1.2 - Classificação Toponímica: Modelos

Como os estudos toponímicos tiveram origem na Europa e forneceram a base para as colocações do continente americano, iniciamos a revisão dos teóricos pelo europeu Dauzat que estabeleceu o método de investigação toponímica ao criar duas faces investigativas para o ato de nomear. Na primeira, apresentou as séries lógicas e, na segunda, as características históricas e concebeu atenção especial às investigações dos topônimos, os quais classifica segundo a ordem histórica de suas formações (Dauzat, 1928, p.10), enfatizando que a classificação do designativo pode ser feita a partir do ponto de vista da formação externa ou dos sentidos intrínsecos do nome. No primeiro caso, o ato de nomear pode ser espontâneo, e pode ser atribuído a uma vontade mais ou menos inconsciente do grupo ou pode ser sistemático, quando resulta de atos refletidos de uma autoridade, de um prefeito, de um fundador da cidade, ou de um proprietário. Quanto ao caso dos sentidos intrínsecos, estes englobam as denominações cujos nomes são emprestados da própria geografia física ou de pessoas ilustres, como fundadores, proprietários, além de poderem ter origens nos diversos caracteres abstratos ou de ordem histórica (DAUZAT, 1928, p.19-20).

Já o filólogo português José Leite de Vasconcelos (1931, p.139), ao estudar os nomes de Portugal, propõe uma divisão de nomes geográficos que prevê três seções: classificação dos nomes de lugares por línguas; modos de formação toponímica, e categorias de nomes segundo as causas que os originaram. Cita, entre outras, a flora, a fauna, a natureza do solo, a história e a religião. Segundo ele há, na toponímia portuguesa, a presença de várias línguas que vão desde a pré-romana, romana, à germânica e à portuguesa, propriamente dita, desde as fases de dominação da região pelos falantes destas línguas e pela consolidação da língua materna. Quanto à forma de denominação toponímica, as investigações estão relacionadas aos estudos gramaticais do sintagma nominativo, e às categorias que se relacionam às causas que originaram como a história, a religião, a flora, a fauna, a natureza do solo.

Tanto Dauzat (1928) como Vasconcelos (1931) mostraram que os nomes geográficos que estudaram recuperavam aspectos naturais do meio ambiente onde se encontravam inscritos, além de aspectos sociais e culturais, postulando a importância de estudos históricos e etimológicos no topônimo. Dauzat (1928) divide a natureza dos topônimos em dois campos de influências, o da geografia física e o da geografia humana, conforme Dick (1999, p. 14).

as repartições no interior de cada um dos blocos referiam-se a ocorrências ou recortes espaciais identificados pelos paradigmas hidrográficos ou geomorfológicos [...] a construção de vilas e cidades de acordo com as camadas étnicas constitutivas do povo francês.

Stewart (1954), toponimista americano, modificou essa classificação, sendo o primeiro a propor a distribuição dos nomes dos lugares em nove taxes baseadas em mecanismos de nomeação; a saber: “*descriptive names, possessive names, incident names, commemorative names, euphemistic names, manufactured names, shift names, folk etymologies e mistake names*”. Como este modelo foi proposto para o contexto específico, norte-americano, a única observação que pode ser feita é que os nomes descritivos e comemorativos são mais abrangentes, podendo ser considerados protótipos de atividades de

nomeação, enquanto os outros são mais restritos, elaborados para o contexto citado, e valem também para os estudos das nomeações procedentes das línguas indígenas do continente norte-americano, na descrição lugares.

Conforme já citado por Dick. (1975), a mais atuante toponimista brasileira, elaborou um modelo metodológico de classificação toponímica composto por dezenove taxes, o qual foi reformulado pela própria autora e publicado em 1992, passando a ter vinte e sete taxes. Destas, onze se relacionam ao ambiente físico – Taxionomias de natureza física, e 16 estão ligadas às relações estabelecidas pelo homem inserido numa sociedade com seus aspectos sócio-culturais e históricos peculiares, as Taxionomias de natureza antro-po-cultural.

As Taxionomias de natureza físicas estão assim distribuídas: **Astrotopônimos**, topônimos que emprestam o nome de corpos celestes: Fazenda Cruzeiro do Sul–AH/MT; **Cardinotopônimos**, relativo às posições geográficas em geral: Fazenda da Divisa–AH/MT; **Cromotopônimos**, que fazem referência a cores: Córrego Verde–AF/MT; **Dimensiotopônimos**, que fazem referência às características do próprio acidente: Córrego Fundo–AF/MT; **Fitotopônimos**, relativo a topônimos que recuperam nomes de vegetais: Córrego Buriti Verde–AF/MT; **Geomorfotopônimos**, que fazem referência às formas topográficas: Córrego Furna do Gato–AF/MT; **Hidrotopônimos**, resultantes de acidentes hidrográficos em geral: Córrego Cachoeira da Matinha–AF/MT; **Litotopônimos**, nome de índole mineral: Córrego da Prata–AF/MT; **Metereotopônimos**, relativo a topônimos que recuperam fenômenos atmosféricos: Fazenda Alvorada–AF/MT; **Morfotopônimos**, topônimos que se referem a formas geométricas: Córrego do Chapéu–AF/MT; **Zootopônimos**, topônimos de índole animal: Morro do quero-quero (DICK, 1987, p.38-39).

Já as taxionomias de natureza antro-po-cultural são classificadas em: **Animotopônimos** ou **Nootopônimos**, topônimos que se relacionam à vida psíquica e a cultura espiritual: Córrego Inveja–AF/MT; **Antropotopônimo**, topônimos que recuperam

nomes próprios e individuais: Morro do Lalau–AF/MT; **Axiotopônimos**, topônimos relativos a títulos e a dignidades de que se fazem acompanhar os nomes: Ribeirão Dom Bosco–AF/MT; **Corotopônimos**, topônimos que recuperam nomes de cidades, de países, de regiões e de continentes: Fazenda Paranavaí–AH/MT; **Cronotopônimos**, topônimos que indicam tempo: Fazenda Nova Aurora–AH/MT; **Ecotopônimos**, topônimos relativo as habitações de um modo geral: Córrego Ranchão–AF/MT; **Ergotopônimos**, topônimos que se referem a elementos da cultura: Córrego da Garrafa–AF/MT; **Etnotopônimos**, topônimos referentes a elementos étnicos isolados: Córrego dos Índios–AF/MT; **Dirrematotopônimos**, constituído por frases ou enunciados lingüísticos: Córrego Molha Pelego–AF/MT; **Hierotopônimos**, topônimos que recuperam nomes sagrados: Fazenda Rosário–AH/MT; **Hagiotopônimos**, topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano: Fazenda São Bento–AF/MT; **Historiotopônimos**, topônimos que se referem a movimentos de cunho histórico-social e a seus membros: Rio das Mortes–AF/MT; **Hodotopônimos**, topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana: Ribeirão Ponte Queimada–AF/MT; **Numerotopônimos**, topônimos relativos aos adjetivos numerais: Fazenda Dois Córregos–AH/MT; **Poliotopônimos**, topônimos constituídos pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial: Ribeirão Aldeia–AF/MT; **Sociotopônimos**, topônimos relativo às atividades profissionais ou a ponto de encontros: Fazenda Estiva–AH/MT; **Somatopônimos**, topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou de animal: Fazenda Olho d’Água – AH/MT (DICK, 1987, p.39-40).¹

Apesar dos vários estudos toponímicos realizados no Brasil, ainda há muito a ser feito. É necessário que mais estudiosos se interessem pela pesquisa toponímica visto que através dela podem se reconstituir aspectos etnolinguísticos, sociais e como os grupos que habitam determinado local percebem o ambiente. Este resgate amplia a visão que se tem sobre

¹ Os nomes de acidentes físicos e humanos utilizados como exemplos fazem parte do corpus desta pesquisa.

o país e sua história. No próximo item focalizaremos alguns princípios teórico-metodológicos que têm orientado os estudos do signo lingüístico em função toponímica.

3.1.2.1 - A Motivação do Signo Lingüístico em Função Toponímica

Desde a antiguidade, os filósofos dedicaram-se aos estudos lingüísticos e uma das questões relevantes foi à motivação ou arbitrariedade do signo lingüístico. Assim nasceram duas correntes de pensamento: a naturalista, cujo maior representante foi Platão, que defendia a existência de uma relação intrínseca entre a imagem acústica e o sentido; e a convencionalista, cujo defensor foi Aristóteles, o qual sustentava ser a relação puramente arbitrária (ULLMAN, 1964, p.07)

Embora estas posições sejam antagônicas, partem de um questionamento comum: “se havia qualquer conexão necessária entre o significado de uma palavra e a sua forma”.

Segundo Lyons (1979, p. 04) a busca de respostas a essa questão deu origem a longo trajeto de estudos etimológicos das palavras.

No início do século XX, Saussure, pai da lingüística Moderna, retoma o conceito Aristotélico de arbitrariedade do signo lingüístico, composto por significante e significado, em que a relação existente entre essas partes do signo não é natural, pois é produto de um contrato social.

O signo, para Saussure, só se reveste de valor que é adquirido na teia das relações com outros signos, definindo-se como tal no interior de um sistema de signos, o que é traduzido na afirmação de DOSSÉ (1993, p. 65):

quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subtemde-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.

No entendimento de Dossé, o valor do signo de Saussure é definido dentro do sistema lingüístico onde se encontra inserido, reafirmando a idéia de arbitrariedade do signo lingüístico, pois o signo:

une não uma coisa ao seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica num vínculo arbitrário que remete à realidade, o referente, para o exterior do campo do estudo [...] O signo só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e o significante (imagem acústica), com exclusão do referente (DOSSÉ, 1993, p.70).

A teoria da motivação lingüística não teve muita aceitação no percurso dos estudos lingüísticos. A arbitrariedade do signo, retomada por Saussure, foi e ainda é a tônica das pesquisas lingüísticas. Porém, no caso da Toponímia, em virtude do caráter particular deste signo, deve-se rever a questão da arbitrariedade do signo, pois:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, **marcando-o duplamente**: o que era **arbitrário**, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente **motivado**, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK; 1990, p. 38) .

O signo toponímico, normalmente, tem como característica principal à motivação semântica que pode estar relacionada a aspectos sociais, culturais ou ambientais, que motivam, ou são levadas em consideração, no ato de nomear acidentes físicos ou humanos. Por esta perspectiva os topônimos - signos lingüísticos em função toponímica – são motivados por fatores não lingüísticos podendo ser considerados como “verdadeiros testemunhos históricos” os quais contêm “um valor que transcende o próprio ato da nomeação” (DICK, 1990, p 22). Argumenta ainda a mesma estudiosa, que

iconicamente simbólico, vai permitir, portanto, através de uma reconstituição de suas características imanentes, a captação de elementos os mais diferenciadores da própria mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, pelo menos de forma considerável (DICK, 1990, p.22).

Assim, esta posição assumida pela toponimista sobre o caráter motivador do signo lingüístico toponímico, contradiz o conceito de arbitrariedade lingüística de Saussure que é a diferença entre o signo lingüístico e o topônimo a que este está ligado. Isto é, apesar de se inscrever como parte do sistema de uma língua e, por isso, pertencer ao seu universo lexical, ele é motivado por desejos pessoais ou eventos sócio-culturais e históricos, embora seja similar a outros signos. Por se inscrever como parte do sistema da língua, ele nos fornece dados sobre a relação língua – sociedade e cultura. Este fenômeno recobre o conceito de léxico para Biderman

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos que se referem ao mundo e ao universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico (BIDERMAN, 1981, apud BIDERMAN, 2001, p.132).

Ao se juntarem às posições de Biderman (2001) – o léxico é o tesouro vocabular de uma língua – e de Dick (1992) – a motivação semântica por elementos extralingüísticos do topônimo é como uma fonte de pesquisa histórica de um povo – percebe-se como os elementos de uma linguagem trazem, em sua essência, os conceitos elaborados pela comunidade que quando os utiliza para nomear um acidente físico ou humano, passam a refletir, de certa forma, mentalidade coletiva dessa comunidade.

Segundo Dick (1997, p.18) a motivação toponímica possui um duplo aspecto que emerge em dois momentos: em primeiro lugar, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual haveria circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva e,

a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, o que pode envolver procedências as mais diversas", quais podem "guardar uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais presente na denominação"“.

L. Wittgenstein, em sua obra *Philosophical Investigations* (1953, apud ULLMANN, 1964, p.134) recuperou a visão saussuriana em que a língua e seus conceitos são vistos como instrumentos e as palavras como ferramentas, ou melhor, para se compreender a linguagem humana deve-se levar em conta a linguagem em ação.

Ullmann (1964, p. 134-140) mostra que essa teoria, puramente operacional, se completa com a teoria referencial, pois a primeira trata do significado ao nível de fala e a segunda, em nível de língua.

Estudiosos como Ullmann e Wittgenstein, que se valeram da noção de arbitrariedade lingüística, evidenciaram a dificuldade de se elaborar uma teoria do significado, visto este não se colocar na esfera concreta. Verifica-se em Saussure uma possibilidade de reconhecer que pode haver graus de motivação entre significante e significado, que classifica como arbitrário absoluto e arbitrário relativo:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária: em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado (SAUSSURE, 1970, p. 152).

Dentre os vários estudiosos que se valeram da noção de arbitrariedade do signo, conforme já citados, enfatizou-se a posição de Ullmann que afirma: de um lado, todos os idiomas contêm certas palavras que são arbitrárias ou opacas, ou seja, sua característica principal é não haver conexão entre o som e o sentido. Porém há outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes e que tal motivação pode ocorrer no nível fonético, as onomatopéias, por exemplo, no morfológico, palavras simples e compostas, sendo que nas simples os componentes, os morfemas, veiculam um determinado significado, e as compostas são formadas da mesma maneira que as simples, e quando há possibilidade de se resgatar a origem dos significados de seus componentes são classificadas de transparentes. A motivação semântica pode ocorrer por metáfora ou metonímia.

A posição assumida por Ullmann (1996), sobre a motivação do signo lingüístico, permite justificar a motivação do signo toponímico com os aspectos sócio-históricos e culturais ligados ao contexto de um grupo alocado em um determinado espaço geográfico.

A bibliografia citada permitiu a obtenção de subsídios teóricos para análise dos dados que compõem o corpus deste trabalho, uma vez que a investigação toponímica valoriza aspectos extralingüísticos, os quais, quando se apresentam no nome, revelam aspectos que permitem entender numa visão contínua globalizante da história dessa região e dos povos que aí habitaram, sua cosmovisão e sua língua. Dick (1992, p. 35) enfatiza que:

através das camadas onomásticas, revelam-se, numa perspectiva globalizante, as feições características do local, sejam de ordem física quanto sócio-culturais. De tal esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode, muitas vezes, estabelecer a correlação entre o “nome” dos acidentes e o “ambiente” em que ele se acha inscrito. (DICK, 1992, p.35).

No próximo capítulo será apresentado o corpus e a metodologia utilizada.

CAPÍTULO III - DA METODOLOGIA E DO CORPUS

Ao selecionar como objeto de estudo a toponímia do município de Barra do Garças, microrregião do Médio Araguaia, levou-se em consideração a hipótese de que o nome geográfico, em sua essência, poderia ter sido motivado por fatores extralingüístico os quais refletiram as particularidades geográficas e sócio-histórico-culturais dos povos que habitaram a região.

Para se concretizar este intento foram levantados e catalogados os topônimos do recorte regional selecionado, aplicando a esses topônimos um tratamento científico que se baseou na orientação teórico-metodológica de Dick (1992), com a finalidade de buscar a motivação dos nomes em estudo, além de levantar possíveis influências de elementos extralingüísticos, e também verificar a possível existência de estratos lingüísticos de outras culturas.

Os dados da região foram levantados nos mapas cartográficos, escala 1:100 000, do IBGE, fornecidos pelo Instituto de Terras de Mato Grosso.

Para o preenchimento do item ‘entrada lexical’ foram utilizadas as seguintes obras:

- a) Dicionário Etimológico, Nova Fronteira, da Língua Portuguesa, CUNHA (1977);
- b) Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi, CUNHA (1978) que apresentam tanto a etimologia quanto algumas entradas de várias lexias;
- c) O Tupi na Geografia Nacional, SAMPAIO (1987). Sempre que a origem etimológica não constava na obra anteriormente citada ou para confirmar a etimologia tupi;
- d) Quando a etimologia parecia ser Bororo, A Contribuição do Bororo à Toponímica Brasileira, DRUMOND (1965).

- e) Os dicionários gerais, FERREIRA (1975), HOUAISS (2001), FREIRE (1954) e SILVA (1951), para escolha das entradas mais adequadas ao contexto. Além destes também foi utilizado o Dicionário Geomorfológico de Antonio Teixeira Guerra (1987).

Os dados estão organizados em quadros que contêm a localização, o topônimo, o tipo de acidente, a etimologia, a classificação e a variação lexical. A organização dos quadros foi baseada na ficha-lexicográfica-toponímica do Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, sub área: Toponímia Geral e do Brasil.

Para os itens de classificação e variação lexical foi usado o modelo taxionômico proposto por Dick (1992).

Na classificação do topônimo foi considerado o nome específico do sintagma denominativo, segundo a terminologia técnica que Dick (1990, p.24) propôs. Neste modelo o primeiro nome tem a finalidade de definir a classe genérica e o segundo constitui o elemento específico, alvo do estudo toponímico. Assim, por exemplo, no topônimo Fazenda Alvorada – fazenda é o elemento genérico e alvorada é o elemento portador da substância de conteúdo, que o insere na categoria de acidente humano e na classificação Metereotopônimo.

Além do quadro 1, conforme Anexo B, também é apresentado o quadro 2, resumo das categorias toponímicas-Anexo C. Foram ainda apresentados o gráfico 1 de quantificação dos topônimos, Anexo D e o Modelo de Ficha Lexicográfico – toponímica, anexo E.

CAPITULO IV - ANÁLISE DO CORPUS

A análise do corpus tem por base o conceito de arquilexema elaborado por Geckler (1971), como o significado global de um campo léxico, que assim se apresenta como denominador comum de uma base semântica de todos os elementos do campo mais a lexia diferencial, e Dick (1990) que afirma que o topônimo se liga ao acidente geográfico que o identifica, constituindo um conjunto ou relação binômica, a qual é passível de desmembramento para melhor se distinguirem os seus termos formadores que ligados produzem uma nova unidade semântica.

Nos dados coletados, os acidentes físicos são definidos pelo próprio termo comum. Assim foram elencados os seguintes termos que podem ser desmembrados: barra, córrego e sua variante corgo e corgão, fuma(s), ilha, serra, porto, cachoeira, boqueirão, rio, lagoa, ribeirão, gruta e suas variações grotinha e grotão, vale. A estas bases estão ligadas as lexias diferenciais que serão objeto desta análise. O mesmo acontece com os acidentes humanos, cidade, fazenda estância, colônia, agropastoril, retiro e porto.

4.1 – ACIDENTES FÍSICOS

4.1.1 - A análise apresentada neste trabalho foi iniciada pelos termos genéricos dos acidentes físicos. Assim, começamos pelo acidente físico Córrego - do latim *corrugus s.m.*, ao qual se agregaram diversas lexias, como as formadoras de *HIDROTOPÔNIMOS*: *ÁGUA*, *CACHOEIRA* e *CABECEIRA*, seguidas de adjetivos caracterizadores de aspectos físicos apresentados pelo acidente, bem como *CORIXO*, *LAGOINHA*, *LAMBEDOR*, *PARANÁ*.

Assim temos: *Córrego Água Alta* – do latim *altus*; *Córrego Água Limpa* – do latim *limpidus*; *Córrego Água Quente* – do latim *calentea*. Estas lexias diferenciais individualizam e classificam o substantivo e a unidade morfo/semântica é dada pela junção do substantivo simples e do adjetivo que formam um substantivo composto.

A junção da lexia **Cachoeira** – do latim *coctiō-onis* – século XVI *cachoeira* – ‘*queda d’água*’- ocorre nas seguintes situações: **Córrego Cachoeira Comprida** e **Córrego da Cachoeirinha**. Pode-se verificar que a atribuição do nome ao córrego se fez pelo aspecto físico do mesmo, ou seja, cursos com desníveis acentuados originando as cachoeiras, cujos diferenciais são: o tamanho, comprida; e a pouca extensão da cachoeira, cachoeirinha. Exceto cachoeirinha, todos estes topônimos são formados por substantivo + adjetivo. Este é derivado de cachoeir + inh + a que se refere ao tamanho do acidente.

A visão do denominador caracteriza as qualidades que o levaram, dentro de um processo pragmático de possibilidades, a selecionar as que lhes pareceram mais adequadas para a situação.

Outra ocorrência de junção de lexia na categoria de Hidrotôponimos é a lexia **Cabeceira** - cabeça+eira, do latim vulgar *capitia* + *ceira*, séc. XVIII. **Córrego Cabeceira Comprida, Córrego Cabeceira Verde, Córrego Cabeceira Suja**. Assim como nos topônimos analisados anteriormente, à lexia cabeceira, substantivo, se ligam os adjetivos que caracterizam o tipo de cabeceira: tamanho, comprida, cor, verde, aspecto, suja. Há também o **Córrego Corixo**.

É interessante notar que CUNHA (1997), não apresenta a etimologia desta lexia. Porém tanto FERREIRA (1975) como HOUAISS (2001) se referem a ela como específica de Mato Grosso e Goiás, e colocam que é de origem duvidosa ou obscura, mas também afirmam que, para Nascentes, a origem é tupi. Só se pode afirmar que foi incorporada ao português destes dois estados do Brasil para significar afluentes ou sub afluentes de correntes hidrográficas.

Há também o **Córrego Lagoinha** – Lagoa do latim *lacuna*, séc XIII *porção de água cercada por terra*. O sufixo inh+a permite afirmar que o nome foi dado, ou pelo tamanho ou por outro fator como carinho ou depreciação do acidente. Além, destes

hidrotôponimos, registramos também a existência, dos **Córregos: Lambedor** – do latim *lambere, lamber – corroer, desgastar*. A forma como as águas atuam nas margens, ou as acariciam pode ter dado origem ao topônimo. Além disso, também pode ser levada em conta a significação de terreno salobro que animais lambem para obter o sal de que necessitam. **Córrego Paraná** – de origem tupi – *Para'-nã* – *denominação dada aos grandes rios*. Este córrego deve ser maior do que os outros, pela característica semântica de sua denominação: rio grande. **Córrego Pulador** – do latim *pultare*, pulo, s.m, pular+dor, sentido figurado agitado, o que pula. Esta denominação se refere a aspectos físicos do córrego, que na visão dos colonizadores era agitado e que deve ter um declive acentuado.

Quanto à categoria de FITOTOPÔNIMOS, temos as seguintes lexias: **Córrego Bacuri** - de origem tupi – *fruto contínuo, apressado, o que frutifica de pronto*. Isto nos leva a afirmar que na região cortada por esse córrego havia bastantes arbustos de tal espécie, ou que a correnteza de tal acidente era muito rápida. Se assim foi, este topônimo representa a visão de mundo do povo que o denominou. **Córrego Buriti Alegre** – Buriti é de origem tupi e alegre de origem latina, portuguesa: tem-se um topônimo híbrido. Esta ocorrência confirma uma primeira denominação em língua indígena, complementada pela visão do colonizador, que não devia ter outra denominação para este tipo de palmeira. **Córrego Buriti Verde** - conforme o anterior, mescla o tupi e o português. E este acidente apresenta uma característica diferente dos anteriores, ou seja, o tipo de verde apresentado pela palmeira. Este vegetal é importante tanto para alimentar a fauna da área, como para as etnias indígenas que habitam ou habitavam a região, pois seu fruto tanto serve de alimentação (polpa) como para a confecção de adornos usados pelos indígenas. Hoje os brancos também os usam.

Córrego Pitomba – do tupi *pi'tomba* – *planta da família das sapináceas cujo fruto tem sementes envolvidas por um amido adocicado e abundante* – A denominação deste córrego feita pelos bandeirantes é mantida até

à atualidade. Esta ocorrência pode ser vista de duas maneiras: a visão do nomeador sobre o acidente, no caso os indígenas, e a incapacidade do colonizador para mudar a denominação, visto este tipo de árvore não ser do universo botânico europeu e, portanto, teve de manter a denominação dada pela etnia que habitava anteriormente a região. **Córrego Pitombinha** – origem tupi: **fruto da pitombeira**, híbrido. Ao vocábulo tupi foi acrescentado o sufixo português inh+a que, no caso, é formador do diminutivo, comprovando a existência de línguas diferentes. É possível que a sufixação seja produto da visão dos colonizadores que se apossaram da denominação indígena, acrescentando sua própria percepção do objeto denominado. Nota-se que o diminutivo aqui está relacionado ao tamanho da árvore ou das frutas. **Córrego Buritizal** - assim como em pitombinha, neste topônimo é formado pela junção de estrutura vocabular do tupi, o radical buriti e a consoante de ligação **z** mais o sufixo **al**, formador de lexias que designam lugar, no caso, de buritis, ou acúmulo de buritis. No caso indica abundância daquele tipo de árvore. **Córrego Pindaíba** – origem tupi: *Pindá-(a)iba*, *a vara do anzol*, ou *a cana do anzol*, ou *anzol*, *pode também se referir à penúria*, no uso atual Neste caso predominou a designação indígena, até porque esta palavra foi incorporada ao léxico português do Brasil. **Córrego Cedro** – *árvore originária da Europa de caule reto e copa cônica que fornece madeira resistente própria para marcenaria de luxo*. O nome atribuído ao acidente pode ter duas explicações: a semelhança entre a árvore da Europa e alguma outra árvore da mesma família, existente na região, ou o saudosismo de seus nomeadores europeus, que pretendiam ver na região algo que não fosse totalmente desconhecido. **Córrego da Mata** – *do latim tardio matto – terreno onde nascem árvores silvestres, bosque, selva, séc. XIII*. Como a vegetação de cerrado não é alta, porém, emaranhada, deve ter sido o motivo de tal denominação. **Córrego da Mata Seca** – As lexias diferenciais que compõem este topônimo são de origem portuguesa e descrevem a situação da vegetação da região, o que é uma característica da denominação indígena, mostrando assim a

simbiose entre as duas etnias. **Córrego Palmito** – *gomo terminal do caule das palmeiras, longo, de consistência tenra e cor esbranquiçada, comestível em várias espécies; ou peixe encontrado nos rios de Mato Grosso e Paraguai*. Neste caso, a classificação deste topônimo na taxa de Fitotopônimo fica duvidosa, pois não se sabe se a denominação foi atribuída pela existência de palmeiras ou de peixe, porém, como a palmeira é mais conhecida, optou-se por esta classificação. **Córrego Palmitinho** – Assim como no topônimo anterior, a classificação e possível origem de tal denominação não pode ser feita com rigor, porém optou-se pela inclusão nesta taxa. O sufixo *inh* refere-se ao tamanho da palmeira. **Córrego Gameleira** *designação comum a diversas árvores da família das moráceas, com madeira para a confecção de gamelas e objetos domésticos*. O córrego tinha em suas margens árvores dessa família e os denominadores transferiram essa denominação para caracterizar melhor o acidente.

Córrego Marmelada, séc. XVI, (marmelo) do latim *memellum* do grego *melimelan*, doce pastoso de marmelo que passou às demais línguas da Europa numa acepção mais ampla, designando todo e qualquer doce pastoso de frutas. Conforme sua etimologia indica, é uma denominação dos colonizadores, mas se desconhece o motivo de tal denominação. **Córrego Taquaral** – do tupi *takuara-al*: planta da família das gramíneas, taboca, bambus, também pode ser ave coraciforme da família dos momotídeos. Híbrido, pois à sua raiz tupi foi acrescentado o sufixo *al* que na língua portuguesa serve para indicar lugar ou onde se produz algo, no caso, taquaras. Além desta classificação, também pode ser incluído como um zootopônimo, pois devido à distância temporal não se sabe se foi pela existência de plantas ou das aves que aconteceu a denominação, porém como a maior incidência é de vegetal, essa taxa foi eleita para a classificação. **Córrego Taquaralzinho** - este denominativo se formou a partir de taquaral, que já é híbrido, com a junção de outro sufixo *inh* que, neste caso parece se referir à extensão do acidente, ao seu tamanho em relação ao outro. Como no anterior, este topônimo

pode ser colocado em duas taxes. A colocação de ambos nesta taxe se deve ao fato de haver mais ocorrências de taquara(l) como vegetal e menos como animal. **Córrego Cambaúva** – Certa gramínea, comum em dois estados brasileiros. Este topônimo reflete o ambiente em que o acidente está inserido. **Córrego Melancia** – origem incerta, planta de família das cucurbitáceas ‘o fruto dessa planta’. Ao que parece esta denominação foi feita pelo colonizador e não se encontraram elementos que pudessem explicar tal relação.

Quanto à taxe dos GEOMORFOTÔNIMOS, temos: **Córrego Campo Alegre** - *Do lat campus-i – terreno plano; alegre do lat vulgar alicer/alicus/alecris, vivo*. O topônimo é formado por um substantivo e um adjetivo que, juntos, passam a idéia de um lugar aprazível, pelo menos para os olhos do denominador. **Córrego da Grotá** – *do italiano, grotá – abertura produzida pela enchente na ribanceira, vale profundo*. A existência de uma grotá deve ter sido o motivo para tal denominação dada ao acidente. **Córrego da Grotá Funda** – Nesta denominação as razões devem ter sido as mesmas da anterior, porém a característica funda diferencia o primeiro acidente do segundo. **Córrego Grotão** – aumentativo – indica tamanho grande da fuma. **Córrego da Grotinha** – indica tamanho pequeno da cavidade existente nele. **Córrego da Grotá da Serra Isolada** – Neste caso parece que o córrego nasce na grotá de uma serra que não faz parte de uma cadeia de montanhas, pois está isolada. **Córrego Grotá da Vargem** – *terreno plano ou baixo à margem de um rio ou ribeirão – origem controvertida, porém há autores que atribuem sua origem à língua pré-românica*. É interessante notar neste topônimo a contradição entre grotá e vargem, pois pela definição apresentada é muito difícil haver grotas em terrenos planos. No entanto, é interessante verificar a oposição entre grotão e grotinha, pois ambos refletem os parâmetros de classificação de tamanho do denominador.

Para a taxe de ETNOTOPÔNIMOS foram encontradas as seguintes ocorrências: **Córrego dos Índios** – *Do topônimo Índia, os indígenas das Américas*. Esta denominação é do

colonizador e deve referir-se a um acidente que atravessava alguma aldeia indígena bororo ou xavante, ou por haver muitas aldeias em suas margens **Córrego do Mineiro** – *adjetivo relativo à mina, pertencente ou natural do estado de Minas Gerais*. Neste caso, devido à migração de pessoas de vários lugares do Brasil para este município optou-se pela inclusão do topônimo nesta taxa. **Córrego do Mineirinho** – diminutivo. Talvez estas denominações provenham do fato desses córregos terem sido denominados por naturais do Estado de Minas Gerais, ou pela existência de minas nas suas margens ou leitos.

Classificados na taxa de **Zoomorfotopônimos** têm: **Córrego das Antas** – *do árabe hispânico e africano, mamíferos da família dos tapirídeos*. A motivação deste topônimo deve estar ligada à existência desses animais nas imediações do acidente **Córrego das Araras** – *do tupi a'rara, nome comum a diversas aves de grande porte e da família dos psitorcidos*. **Córrego dos Cavalos** – *do lat caballus. Animal mamífero da ordem dos perissodáctilos*.

A escolha dessa denominação pode ser atribuída à função do córrego, que devia ser o local onde os animais bebiam água. **Córrego da Ema** – *de origem controvertida 'ave reiforme da família dos reídos* – talvez essa denominação seja devida à abundância de tal ave na região. **Córrego Galheirinho** – *galho do latim galheus-is. ' Diz-se de ou veado de galhada (cornos) grande'*. No caso, o uso do diminutivo pode indicar a presença de um veado de porte pequeno como a galharda formada, proporcional ao seu tamanho. Esta denominação deve ter sido dada por haver animais desse tipo na região ou talvez pelo próprio desenho do córrego, a partir de sua nascente. **Córrego Jaguarzinho** – *jaguar do tupi ia'uará 'nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos'*. O diminutivo leva à conclusão de tamanho pequeno do rio ou dos animais que aí habitavam. **Córrego da Lontra** – *do latim lutra, ' mamífero carnívoro da família dos mustelídeos'*. Esta designação foi dada por portugueses, pois caso fossem os tupis seria ariranha (irar-ana) que é a lontra dos rios do sertão.

Córrego do Marimbondo – *do quimbundo. '*

Nome comum a várias espécies de vespas'. Esta denominação comprova a existência de negros na região, que podem ter vindo como integrantes das bandeiras, ou fugidos para formar seus quilombos. É um dos termos africanos mais registrados no ATESP.

Córrego Matrinxã – *tupi, 'a coisa que escapa da linha (anzol), a coisa avessa à linha'*. É o nome de um peixe. Talvez por não haver semelhança entre este peixe e outros dos rios ou mares europeus a denominação foi mantida. Tendo em vista a origem tupi, pode-se concluir no córrego havia abundância deste peixe. **Córrego Mutum** – *tupi 'comum às aves galiformes da família dos cracídeos'*. Como a visão do ambiente é que determina a denominação do acidente, percebe-se a existência desse tipo de ave nas margens ou redondezas do acidente. **Córrego da Onça** – *do francês lonce, 'mamífero carnívoro da família dos felídeos'*. Mais uma vez, pode-se afirmar a origem francesa da denominação, pois se fosse indígena, tupi, seria jaguar ya-guara que é a denominação dada a tais felídeos pelos índios. **Córrego - Papagaio** – *etimologia obscura, parece derivar do árabe, 'ave da família dos psitacíformes que imita a voz humana'* Pode-se deduzir que esta denominação engloba as culturas indígenas e europeia, pois a existência de aves desse tipo deve ter sido a razão de tal denominação. **Córrego - Peixinho** – *peixe do latim piscis is – animal cordado, gmastomado, aquático, com nadadeiras, com pele, geralmente, coberta de escamas, que respira por brânquias*. O diminutivo pode estar se referindo ao tamanho dos peixes predominantes no córrego. **Córrego Sucuri** – *do tupi suku-ri, réptil ofídio da família dos boídeos, ao peçonhento*. A abundância desses répteis na região pode ter originado a denominação. **Córrego Tucano** do tupi tu'Kana, *'ave da família dos ranfastídeos', muito comum no cerrado*. É uma denominação indígena. **Córrego do Veado** – *do latim venatus, mamífero artiodáctilo da família dos cervídeos*. Esta denominação é do colonizador. A fauna existente motivou a toponímia da região. Apesar das lexias pertencerem à língua do colonizador, branco, a forma como este denominou é idêntica à maneira de dominar dos índios.

As ocorrências de CARDINOTOPÔNIMOS são: **Córrego do Meio** – *forma divergente popular de médio, do latim médius, ‘que está no meio, ou entre dois pontos’*. Este topônimo localiza o acidente entre outros dois que tanto podem ser idênticos ao nomeado como divisa entre dois espaços, municípios ou estados. **Córrego da Divisa** – *do latim dividuus – separar em partes*, possivelmente este córrego dividia/divide propriedades, bacias hidrográficas ou territórios.

A seguir registramos as ocorrências de ECOTOPÔNIMOS: **Córrego Mocambo** – *do quimbundo um’Kambu, esconderijo, cumieira*. Tendo em vista sua origem, africana, este topônimo parece revelar três interpretações. A primeira é, talvez, a de localização geográfica, escondido; a segunda remete à existência de um esconderijo de negros escravos fugidos e a terceira é que, de alguma forma, esta lexia já estava incorporada à língua do colonizador na época da denominação. **Córrego Ranchão** – *do castelhano rancho mais sufixo ao que caracteriza o aumentativo, em português, refeição para soldados ou presos*. É possível que tivesse sido às margens deste córrego que soldados, ou outro tipo de grupos exploradores, fizessem as suas principais refeições.

Na taxa de SOMATOTOPÔNIMOS registramos **Córrego da Caveira** – *do latim calvária ‘crânio’ de ‘calvu’*. Talvez a existência de caveiras nas margens do córrego tenha sido a motivação toponímica. **Córrego Merurinho** – *do bororo meru-ri – monte da raia*.

Só registramos uma ocorrência de POLIOTOPÔNIMO: **Córrego Aldeia** – *do árabe ad-day’a, s.f, pequena povoação*. No Brasil esta designação se aplica aos povoados indígenas, o que leva a crer na existência ou proximidade de um povoado indígena nas mediações do acidente.

Como exemplo de COROTOPÔNIMO, temos: **Córrego Piauí** – *do tupi pi’awa +i, relativo ao estado brasileiro, rio das piabas ou dos piaus*. Neste caso, foi classificado como corotopônimo, o que leva a crer na possível homenagem do denominador ao seu estado de

origem. Porém se for levada em conta à segunda opção, tem-se um zootopônimo em que o acidente e a lexia diferencial se aglutinaram, constituindo um bloco único dos quais não se distingue mais o que é de um ou de outro, adotando-se o reforço de um novo genérico. Neste caso o primeiro termo genérico perdeu a função própria necessitando do reforço do segundo.

Para a taxa dos CROMOTOPÔNIMOS, registramos: **Córrego Verde** – do latim *virides*, adj. *Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores*. Esta denominação foi atribuída ao acidente pelos colonizadores e parece demonstrar duas coisas: a cor das árvores e arbustos que se reflete nas águas, ou a existência de muitas algas no acidente. **Córrego Vermelho** – do latim *vermiculus*, *da cor do sangue*. Assim como no anterior, este adjetivo parece caracterizar a cor da água, que talvez por ter elementos ferrosos apresenta cor avermelhada. **Córrego Azul** – [Do persa *lāzwārd*, atr. *Do ar.vulg. lāzur e do arc. Azur*. ‘*Da cor do céu sem nuvens com o sol alto; da cor do mar profundo em dia claro*’. Esta denominação reflete a visão européia do conquistador.

Para a taxa dos CRONOTOPÔNIMOS, registramos: **Córrego Nova Olinda** – do latim *novus* – ‘*original de pouco uso*’. Segundo a tradição, a origem do topônimo Olinda está ligada a uma expressão dita por um nobre da corte portuguesa que ao subir em um morro do litoral de Pernambuco teria dito “Oh, linda paisagem para se ver”. Portanto este topônimo é de responsabilidade de algum pernambucano, ou seja, de um colonizador.

Na taxa de METEOROTOPÔNIMOS, registramos: **Córrego Alvorada** - do latim *alvor.s.f* ‘*primeira claridade da manhã*’. Esta denominação mostra a possibilidade das águas serem claras, como o é a alvorada.

Como exemplo de NUMEROTOPÔNIMOS, temos: **Córrego Dois Córregos** – do latim *duo*, do latim *corregus* – Esta denominação pode ser atribuída à junção de dois córregos em um só, ou seja, esta denominação tem por base a descrição física do acidente. **Córrego Duas Pontes** – do latim *duo e pōns*, *pontis s.f*, *construção destinada a estabelecer ligação*

entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer. Esta designação parece se referir à existência de dois acidentes humanos sobre o mesmo acidente físico. Aqui o ambiente humano é usado para denominar o físico. **Córrego Sessenta** - *do latim sexaginta, 'numeral'*. Pela designação atribuída a este acidente pode-se inferir que este seria o sexagésimo córrego que os exploradores haviam encontrado em suas viagens, ou algum incidente que envolvesse pessoas. **Córrego Três Marcos** – *do latim três, numeral, do latim medieval Marcus, s.m, baliza, poste, limite, sinal de demarcação.* Neste caso a denominação permite inferir a existência de postes ou marcos ou algo a que eles se assemelhassem, para assinalar o lugar.

Quanto a SOCIOTOPÔNIMOS, temos: **Córrego Aruanã** – *Denominação indígena. do tupi arua'na, nome de festividade ritualista dos índios Carajás da ilha do bananal. Tartaruga verde,* esta denominação evidencia a presença da língua tupi nas bandeiras. **Córrego Colônia**, *s.f, grupo de migrantes, possessão, domínio.* Este topônimo deve ter sido criado a partir de algum grupo de colonos, que para ali se mudaram, ou pela proximidade de alguma outra povoação. **Córrego da Estiva** – *do italiano stiva “armação do tabuleiro duma ponte de madeira.* **Córrego Fortaleza** – *do latim fortis, s.m, 'lugar fortificado'.* Aqui se pode depreender que havia alguma construção, forte, ou que o próprio acidente dificultava o acesso a algum lugar, o que permitia segurança aos habitantes. **Córrego Monjolo** – *provavelmente de origem africana, engenho tosco movido à água empregado para pilar milho e, a princípio, no descascamento do café.* Devido à sua origem, este topônimo pode dar duas informações: os negros faziam parte das bandeiras ou os brancos já tinham incorporado a palavra ao seu léxico. **Córrego Oficina** – *do latim officina-ar – 'lugar onde se exerce um ofício, ou lugar onde se fazem consertos em veículos ou máquinas'.* Há a possibilidade da existência de um lugar onde se consertam os utensílios e veículos usados pelos colonizadores. **Córrego Porteiro** – *do latim portarius-ii, 'aquele que cobrava direitos reais'. 'Encarregado de porta*

ou portaria. **Córrego Garrafa** – do árabe *garraf.s.f*, ‘vaso ordinariamente de vidro com gargalo estreito e destinado a conter líquido’. Esta denominação pode ser derivado do formato do acidente que em um de seus pontos pode sofrer um estreitamento. **Córrego Gordura** – gordo, do latim *gurdus*, ‘qualquer dos numerosos compostos do carbono e oxigênio que são glicídeos e ácidos graxos, denominação dada a uma espécie de capim’. Neste caso parece que a motivação deste topônimo talvez se deva ao tipo de capim existente em suas margens”.

Na taxa de ANIMOTOPÔNIMOS, estão presentes: **Córrego Capão Bonito** – origem tupi: *Ka’a pan*, porção de mata isolada em meio ao campo. Conforme já se viu anteriormente é o adjetivo que caracteriza estado de seres racionais, mostrando assim que, mais uma vez, a motivação do signo toponímico, e surge assim a junção de uma lexia indígena a uma que pertence à língua do colonizador, mostrando a visão que este tinha do aspecto do acidente. **Córrego Bonitinho** – provavelmente do castelhano ‘*bonito de Bueno*’. ‘*Suscita a prozer estético*’, inh+o, sufixo formador de diminutivos, o que parece mostrar a intensidade menor ou o carinho de denominar para com o acidente. Dick (1990), ao analisar a ocorrência bonito (a) afirma que a forma feminina é menos freqüente na toponímia que a masculina que é base usada tanto em acidentes físicos como em humanos. Estes topônimos são compostos por base + substantivo + adjetivo, sendo este último o elemento de significação específica que caracteriza o topônimo **Córrego Alegre** – do latim vulgar *alecis, alecris* ‘*animado vivo*’. O topônimo conota a qualidade própria dos seres vivos, o que reflete a visão do colonizador. **Córrego Boa Sorte** – do latim *bônus, bona*, do latim *sorte* – ‘*fado, destino, bom resultado*’. O topônimo composto parece mostrar que a intenção de seu denominador expressa seus desejos e esperanças. **Córrego Enjeitado** – do latim *ejectare*. *Enjeit+ado recusar, rechaçar*. A semântica desta palavra leva a possibilidade de, por motivos desconhecidos, esse acidente ter provocado sentimentos negativos no seu nomeador, inclusive

ser evitado. **Córrego Feliz** – *do latim - felix-icis ‘afortunado, próspero’*. Diferente do anterior, este topônimo exprime sentimentos de felicidades, de bem estar. **Córrego Inveja** – *do latim invidia, desgosto ou pesar pelo bem dos outros*. Aqui há duas possibilidades. Ser tão bonito que desperta a inveja dos outros, ou ser tão mesquinho que até parece ser invejoso, visão do desbravador. **Córrego Maravilha** – *do latim mirabilia; ato, pessoa ou coisa extraordinários, que causam admiração*. Nesta denominação percebem-se os sentimentos positivos que as águas, ou o conjunto do córrego, despertaram em seu denominador. **Córrego Pensamento** – *do latim pensare, ‘reflexão, mediação, raciocínio’*. Assim como no anterior, este topônimo reflete o sentimento que o córrego despertou em seu nomeador, talvez até mesmo recordações. **Córrego Providência** – *do latim providencia ‘medida ação concreta para a consecução de algo; ação pela qual Deus conduz os acontecimentos e as criaturas para o fim que lhes foi destinado’*. Neste caso, a motivação pode estar ligada à necessidade de água, embora a região tenha uma malha fluvial ampla, às vezes, as trilhas iniciais percorridas pelos desbravadores, não levavam aos acidentes fluviais.

As ocorrências dos HAGIOTOPÔNIMOS são: **Córrego Santo Antonio** – *do latim sanctus-a-um – ‘santo popular cuja festa se realiza a 13 de junho’*. Conhecido como Santo protetor dos namorados. A devoção entre os portugueses a este santo é muito grande, pois segundo a história ele nasceu em Lisboa. **Córrego São Bento** do antropônimo Benedito. Apesar de se apresentarem em número reduzido, marcam a religiosidade do povo que os nomeou.

Só há uma ocorrência de HIEROTOPÔNIMOS neste tipo de acidente: **Córrego Santa Cruz** – *do latim crux, crucis, ‘antigo instrumento de suplicio onde se pregavam os condenados à morte’*. Composto por Santa e Cruz, este topônimo reflete, assim como os hagiотopônimos, a religiosidade do denominador. Também foi a primeira denominação do Brasil e é comum em acidentes humanos.

As ocorrências de MORFOTOPÔNIMOS são: **Córrego do Chapéu** - *do francês chapel (hoje chapeau)* – ‘*Chapéu, peça destinada a cobrir a cabeça*’. Esta denominação deve ser consequência de algo acontecido lá, ou talvez devido à forma do córrego. Em ambos os casos, evidenciam a visão do colonizador/denominador.

Quanto aos ANTROPOTOPÔNIMOS registramos os seguintes: **Córrego Fogaça** – Substantivo do adjetivo latino *focacius*. ‘*Certa formação típica dos terrenos diamantinos*’. Esta denominação nos remete à existência de diamantes na área, conforme já foi descrito aqui. O ambiente geográfico prevalece na denominação. **Córrego do Pereirão** – *pereira - pera do latim pirum*. ‘*Árvore que dá pêras*’. Como esse tipo de árvore não é da região, pode-se afirmar que tal denominação é decorrente de algum acontecimento que teve como protagonista alguém com este apelido. **Córrego Valadão** *valado – do latim vallus – i* ‘*depressão entre duas elevações*’. Nota-se que antropônimos que nos remetem a acidentes físicos, à fauna ou à flora apareceram em Portugal, na época do Marquês de Pombal que proibiu os judeus de usarem seus sobrenomes. Os que desejassem permanecer em Portugal deveriam adotar outros nomes. Os chamados cristãos novos, ou judeus batizados escolheram os nomes de família a partir deste leque de possibilidades, acidentes físicos, fauna e flora.

Os DIRREMATOTOPÔNIMOS estão presentes nos seguintes casos: **Córrego Atola Besta** – *Atola – de origem controversa - meter ou enterrar em lamaçal*. *Besta do latim bestia, animal de carga*. Esta expressão composta por forma verbal mais substantivo parece indicar que no córrego os animais de carga ficavam atolados. **Córrego Molha Pelego** – *Molhar do latim molliare, embeber em líquido, banhar*. *Pelego – pele de carneiro com lã, que pode ser colocada nos arreios para tornar o assento dos cavaleiros mais confortáveis*. Possivelmente esta expressão se refere à profundidade do córrego que ao ser atravessado pelos cavaleiros, molhava as peles que lhes cobriam os assentos. **Córrego Tomba Carro** – *Tombar – de uma base expressiva tumbo que ‘indicaria o som causado pela pancada do objeto ao*

cair'. Carro – *do latim carrus, 'veículo de transporte terrestre'*. Neste caso a denominação deve ter sido motivada pelo número de veículos que não conseguiram atravessar o córrego e tombaram. **Córrego Mortas de Fome** – Não foi possível determinar os motivos que levaram a esta denominação.

As ocorrências de DIMENSIOTOPÔNIMOS são as seguintes: **Córrego Fundo** – do latim *fundus* – '*parte mais interior de um objeto, cavidade*'. O aspecto físico do acidente, deve ter sido o motivo de tal denominação. **Córrego Grande** – *do latim grandis* – '*vasto, comprido, desmedido*'. Aqui também está descrito o aspecto físico do acidente.

Talvez devido às características da região, as ocorrências da taxa de LITOTOPÔNIMOS são numerosas. Temos, então: **Córrego Areia** – do latim *arena s.f* '*conjunto de partículas finas de rochas em decomposição que se encontram nos rios, no mar e nos desertos*'. **Córrego Areado** – a mesma origem do anterior **Córrego Areinha** – a mesma origem de areia. A motivação destas denominações parece ser a existência em menor escala deste tipo de rocha no correio **Córrego Barreiro** – de barro – *origem pré-românica, 'porção de terreno salobro ou salgado em área situadas em zonas de clima árido ou semi-árido onde ocorre eflorescência salina'*. **Córrego Barreirinho** – diminutivo de barreiro. Estas duas denominações devem estar ligadas a salobridade das margens e ao tamanho do acidente. **Córrego Barro Preto** – *origem pré-românica. 'Tipo de argila'*; Preto – do. A denominação deste acidente refere-se à existência do elemento barro, Preto do latim *prettus* – '*negro*'ro e à sua coloração. Assim "barro preto", substantivo composto, é uma unidade semântica que descreve o ambiente físico do acidente. **Córrego Cristalino** – do latim *crystallum* – do grego *Kry'stallos* – '*o que tem qualidade de cristal, vidro construído de três partes de sílica, duas de óxido de chumbo e uma de potássio, o vidro muito límpido e puro*'. Esta denominação descreve a aparência da água do acidente. **Córrego Diamante** – do latim tardio *diamas*. '*Mineral monoméleico, carbono puro, o mais duro e brilhante, pedra preciosa*'. Haja vista a

relativa abundância deste mineral, na região, é provável que esta denominação seja resultado da existência do mineral no pequeno rio. **Córrego do Ouro** – *do latim aurum-i, s.m ‘metal precioso, amarelo, denso, muito apreciado pelas suas propriedades específicas e suas qualidades’* Assim como no topônimo anterior é possível que abundância do metal neste acidente tenha sido a motivação para o topônimo. **Córrego Ouro fino** – origem idêntica ao anterior. Fino – *do latim finis, ‘delgado, afilado, apurado, refinado’*, adjetivo fino caracteriza o ouro existente no córrego que talvez fosse pó ou pepitas muito pequenas. **Córrego Lajeado** – *Laje, de origem controversa, ‘pedra de superfície plana’, lousa, laje+inh, lajeado+inh – diminutivo, o que contém laje.* É possível que esta denominação se remeta à aparência do leito ou das margens do córrego. **Córrego da Lajinha** – assim como o anterior, o topônimo parece indicar as mesmas características. **Córrego da Pedreira** – *do latim petra-ae derivado do grego petra, ‘lugar ou rocha de onde se extrai pedra’.* Neste caso há possibilidade da existência de uma pedreira nas proximidades do acidente, o que deve ter originado esta denominação. **Córrego da Prata** – *do latim vulgar platta – ‘elemento químico de número atômico 47, metálico branco, brilhante, denso’.* Esta designação tem a ver com a cor da água, que com o reflexo do sol dá a ilusão de ter a cor do metal. **Córrego Terra do Sol** – *do latim vulgar terra – território, região, solo. Sol – do latim sol – solis. Centro do sistema planetário em torno do qual giram a Terra e demais planetas.* Esta denominação exprime o caráter físico, luminosidade, clareza e o psíquico da promessa de coisas boas. **Córrego Varjão Comprido** – Varjão – *latim vargea, varj + ao – grande extensão de terra plana.* Aqui se percebe o tamanho do ambiente em que ocorre a denominação, pois além de ser uma extensão grande de terra plana, seu comprimento deve ser maior do que o normal. Este topônimo é composto por substantivo + adjetivo.

Nesta região e no acidente em análise há um caso de TOPONIMIZAÇÃO: **Corgão** – Neste caso a entidade geográfica foi particularizada pelo aumentativo do termo genérico

córrego em vez de receber a lexia diferencial que particulariza. Talvez o tamanho, maior do que um córrego e menor que um rio, tenha sido a motivação que deu origem a toponimização, ou melhor, o acidente físico, córrego, pelas suas dimensões tornou-se topônimo.

Na taxie dos ERGOTOPÔNIMOS há: **Córrego Avoadeira**, *avoar, voar (século XVI), do latim volare. Designação comum aos peixes. Barquinho com motor de popa da região amazonas teleósteos, caciformes, da fam. dos caracídeos. Têm a características de dar grandes saltos, o que originou seu nome popular.* A utilização dos barcos na região ou a existência de tal tipo de peixes pode ter originado o topônimo. **Córrego Avoadeira do Norte** – Neste topônimo a lexia Norte, acrescenta ao substantivo a localização ou a origem de avoadeira. **Córrego do Canivete** – *do cat ou do gascão – canivet – ‘pequena faca de lâmina movediça e que fecha sobre o cabo’.* Este topônimo deve ter sua motivação em algum fato que envolveu esse tipo de instrumento. **Córrego do Capa** – *do latim tardio cappam, ‘peça de vestuário usada sobre toda a outra roupa como proteção’.* Assim como o anterior, aqui a motivação deve ter sido o uso de capa pelos peões boiadeiros. **Córrego Carro Velho** – *carro - do latim carrus, ‘veículo de transporte terrestre’. ‘Velho – remoto, antiquado, gasto pelo uso’.* **Córrego Garrafa** – *do árabe garraf; vaso ordinariamente de vidro, com gargalo estreito e destinado a conter líquido.* **Córrego Marmelada** – *marmelo – do latim melimellum. Do port. ‘Marmelada, doce patoso de marmelo que passou às demais línguas européias numa acepção mais ampla designando todo e qualquer doce pastoso de frutas’.* **Córrego Bateia** – *Provavelmente do cast. batea ou do árabe batya; gamela de madeira usada no garimpo. Segundo Éster de Viveiros (apud MIGUEZ, 1996, p. 97) o relator da viagem do Marechal Rondon quando percorria o espigão entre o Rio das Mortes e o Rio Barreiro diz: “... daí percorreram cinco léguas até o ribeirão Bateia’assim chamada pelo Marechal Rondon porque nele houvera mineração de diamantes”, ou seja, Rondon encontrou*

vestígios efetivos de garimpagem antes de sua expedição chegar ao local, o que confirma as versões das entradas e bandeiras na região. Portanto a motivação toponímica está clara.

Acidentes sem classificação: **Córrego Panori**.

4.1.2 - Passamos agora a analisar os topônimos referentes ao acidente físico RIBEIRÃO.

Iniciamos a análise pela taxa dos GEOMORFOTOPÔNIMOS. Assim, temos:

Ribeirão Boqueirão – *do latim busccam, ‘cavidade na parte interior da face pela qual os homens e outros animais ingerem os alimentos’*. A aparência do ribeirão deve ter levado o nomeador a designar o acidente desta forma. **Ribeirão Paredão Grande** - *do latim vulgar paretem de paries – eles, ‘obra de alvenaria ou de outro material que forma os vedos extremos e as divisões internas dos edifícios’*. *Do latim grandis, ‘vasto, comprido, desmedido’*. Esta denominação parece ser uma catacrese, pois atribui a uma elevação reta, construída pela natureza o sentido de algo semelhante construído pelo homem. **Ribeirão Insula** – *do latim insula – ‘pequena ilha’*, a possível motivação é a existência de uma ilha no ribeirão às margens do qual foi construído inicialmente o Presídio de Ínsua, o que não se sabe é se foi o ribeirão que deu o nome ao presídio, ou este ao acidente.

Há apenas um HAGIOTOPÔNIMO. **Ribeirão São Luís** – Este topônimo revela a religiosidade do povo, visão do europeu.

Também só registramos apenas uma ocorrência de DIRREMATOPÔNIMO:

Ribeirão Passa Vinte – *do latim passare, atravessar, transpor, exceder. Do latim vigniti, numeral*. A motivação deste topônimo parece ser decorrente de algum fato acontecido nele. Sabe-se que aqui foi implantado um presídio na época da guerra do Paraguai, mas apenas se tem notícia de sua existência. O povoado homônimo da época, hoje é denominado General Carneiro.

Classificados na taxa dos FITOTOPÔNIMOS estão: **Ribeirão Pindaíba** – *do tupi – Pinda-yba, a vara do anzol*. Sendo a descrição do ambiente a motivação dos índios, este acidente deveria possuir a forma da vara do anzol ou ter em suas margens o vegetal que propicia a fabricação das mesmas. **Ribeirão Taquaral** – Esta lexia foi analisada no item Córrego.

Como exemplo de HODOTOPÔNIMOS, temos: **Ribeirão Ponte Queimada** – A motivação deste topônimo parece decorrente da existência de uma ponte que foi destruída pelo fogo.

Já para a taxa dos ZOOTOPONIMOS, temos: **Ribeirão Galheiro** – esta lexia foi analisada no item Córrego.

Para ANTROPOTOPÔNIMOS, temos: **Ribeirão Zacarias** – Como Zacarias é nome bíblico este topônimo é de origem européia.

Na taxa dos LITOTOPÔNIMOS, encontramos: **Ribeirão Gorgulho** – *do latim gorgulium, fragmento de rocha que contém ouro*. Este topônimo deve espelhar a existência de ouro na forma descrita, o que mostra a visão do colonizador.

Na taxa dos AXIOTOPÔNIMOS, temos: **Ribeirão Dom Bosco** – Devido à presença da congregação salesiana, esta denominação pode ser atribuída a uma homenagem ao fundador da congregação.

4.1.3 - Analisamos a seguir a seguir o acidente geográfico RIO.

As ocorrências da taxa de ZOOTOPONIMOS são: **Rio Araguaia** – *do tupi Ará-guaya, ‘ os papagaios mansos’*. Há controvérsias sobre a redundância da lexia Rio, pois Araguaia já contém em si o significado de rio, ou seja, rio das araras mansas, adota como a base desta pesquisa a obra de Teodoro Sampaio, mas achamos necessário fazer referência a esta nova interpretação, que difere da seguida pelo insigne toponimista. Conforme se pode verificar a denominação dada ao rio se refere à abundância de aves da espécie psitacíformes

da família dos psitacídeos, que habitam a região do rio. **Rio das Garças** – conforme foi analisado no item anterior, esta denominação é latino/portuguesa e reflete a simbiose entre as culturas européia e indígena, pois retrata a maneira de ver, ou melhor, descreve o ambiente, o que era a principal característica para nomear um acidente pelas diversas tribos que habitaram a região, juntando a língua e a forma de nomear de duas culturas diferentes.

Na taxa dos HISTORIOTOPÔNIMOS registramos: **Rio das Mortes** – *do latim mors, mortis; s.f, fim da vida, falecimento, termo destruição*. A denominação Mortes² é resultado de uma lenda que diz que no início do século XVII, partiu de Cuiabá um grupo de aventureiros que se embrenharam no sertão, navegando pelo Rio Manso.

Em determinado ponto desse rio havia belíssimas cachoeiras e nesse ponto fincaram acampamento. Escavando o solo nas margens encontraram ouro.

Havia ouro em abundância e, apesar da precariedade dos meios de transportes e comunicação, a notícia espalhou-se e vieram de Cuiabá e outros lugares alguns aventureiros que ali se estabeleceram. A discórdia provocada pela cobiça originou uma disputa violenta e a facção vencedora exterminou os sobreviventes da rival. Como ficaram em número reduzido, sofreram ataque das tribos indígenas e os sobreviventes acabaram sendo vítimas dos índios, das feras e das doenças tropicais.

A história também conta que às margens deste rio, índios da tribo Xavante assassinaram os integrantes da bandeira de Antonio Pires de Campos, e no século XX, salesianos que estavam em missão de catequese. Parece que também o coronel inglês Fawcet foi assassinado junto com sua comitiva às margens do rio. Portanto, a motivação toponímica do nome é justificada. A história, ou lenda justifica a motivação toponímica desta designação.

² O Rio das Mortes nasce na serra de São Vicente, Cuiabá, Mato Grosso, onde é chamado de Manso pelo aspecto sereno de suas águas.

Há apenas um exemplo de FITOTOPÔNIMOS: **Rio Pindaíba** – esta lexia foi analisada no item córrego. Pela semântica tupi esta denominação pode ser justificada pela abundância da espécie vegetal de onde se fazem as varas para os anzóis ou pela forma do rio. Pode ser também motivada pela forma do rio, que, na visão indígena, pode parecer uma vara.

Registramos apenas uma ocorrência dos DIRREMATOPÔNIMOS: **Rio Passa Vinte** - Esta lexia já foi analisada no item córrego.

Na taxa dos HIDROTOPÔNIMOS existe apenas uma ocorrência: **Rio Correntes** - *do latim currens – entis, part de currere, ‘que corre’*. A motivação que justifica essa denominação é a velocidade das águas do rio.

Quanto à taxa dos HAGIOTOPÔNIMOS temos: **Rio São Marcos** – A presença da religiosidade está patente neste topônimo, pois ele se repete em diversos outros acidentes, não se **sabendo** se foi o rio que motivou a denominação dos outros acidentes.

4.1.4 - Quanto ao acidente FURNAS, *denominação provavelmente criada a partir de forno com influência do latim e mudança de gênero, s.f, ‘caverna ou gruta, geralmente formada por blocos de pedra, cova’*, podemos dizer que é própria do colonizador europeu. Enquanto acidente físico esta lexia aparece nas seguintes taxas: ETNOTOPÔNIMO **Furnas do Mineiro** – Talvez a motivação deste topônimo se ache na naturalidade do primeiro denominador. HIDROTOPÔNIMO **Furnas Água Limpa** – Nesta designação composta por um substantivo e um adjetivo ligado à lexia geral pela preposição de e o artigo o percebe-se que a motivação foi à qualidade e aparência da água existente no lugar.

4.1.5 - O acidente LAGOA – *do latim lacuna de lacus, s.f, ‘porção de água, estagnada, cercada por terra* está ligado às lexias diferenciais correspondentes às seguintes taxas: ZOOTOPONIMOS: **Lagoa dos Marimbondos** – *do quimbundo mari’mono, ‘nome comum a diversas espécies de vespas’*. O significado da lexia diferencial permite deduzir a existência de colméias dessas vespas no local, além de confirmar a existência, ou influência da etnia

negra na região. **Lagoa das Éguas** – *do latim equa-ae ‘fêmea do cavalo’*. Pode-se atribuir esta denominação a algum incidente ocorrido com esse animal, nessa lagoa. **Lagoa dos Veados** – *do latim venatus, ‘mamífero da família dos artiodactilos’*. Assim como no córrego homônimo, esta denominação é do colonizador e revela a possível existência desses animais perto ou às margens do acidente.

ANTROPOTOPÔNIMO: **Lagoa Pereirão** – Pereira – *antropotopônimo usado pelos cristãos novos, que no tempo de Pombal tiveram de renunciar aos nomes judeus para poderem continuar em Portugal e suas Colônias*. O aumentativo ão produz o sentido de grande, no caso o homem ou proprietário da lagoa.

GEOMORFOTÔNIMO -**Lagoa Pantanal** – pântano – *do italiano pântano – pantanal 1813. Região inundada por águas estagnadas*. A lexia diferencial descreve o aspecto físico onde se situa o acidente. Pode-se deduzir que houve a junção de duas cosmovisões – a descritiva do ambiente, dos índios, com a expressão lingüística do colonizador.

Quanto aos SOMATOTOPÔNIMOS temos: **Lagoa do Coveiro** (do) – cova – *do latim vulgar cova. Coveiro 1813. Cova+ eir – profissão de quem faz covas*. Pode-se deduzir a existência de alguém que fazia covas, nas proximidades da lagoa, ou a existência de várias covas que no linguajar regional significa “muitas covas”.

Para os FITOTOPÔNIMOS temos: **Lagoa Lixeira** – Nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul lixeira é a denominação de cajueiro bravo, a casca e a folha desta árvore servem para lixar. Esta denominação parece ser motivada pela existência de árvores deste tipo nas imediações do acidente.

Há ainda ocorrências que não se enquadram em nenhuma das taxes propostas por Dick (1990).

Assim temos: **Lagoa Escondida** – *do castelhano sconduda. ‘ Que se escondem’*. Embora ainda não haja uma taxa para tal topônimo, parece que ele se relaciona com a localização geográfica ou com a vegetação ou acidentes que não permitem a sua fácil localização.

4.1.6 - O acidente MORRO está ligado à taxa dos: ZOOTOPONIMOS: **Morro Quero-quero** - *[T. onom.] s.m. Brás. Ave caradriiforme, da família dos caradriídeos, do gênero Belnopterus, Vive nas várzeas, praias marítimas, me onrgens de rios, lagoas, brejos pastagens do interior. Seu canto se assemelha à pronúncia da lexia “Quero-quero”*. Esta denominação parece ser portuguesa.

ANTROPOTOPONIMOS: **Morro do Pereirão** – Este topônimo foi analisado no item córrego

Na taxa dos DIMENSIOTOPONIMOS temos: **Morro Alto** – *do latim altus – ‘ grande dimensão vertical’*. Esta designação descreve o aspecto físico do acidente, o que mostra a inter-relação das culturas indígenas e européias.

4.1.7 - Para o acidente CACHOEIRA encontramos: ERGOTOPONIMOS: **Cachoeira da Bateia** Esta designação foi analisada no item córrego.

Existe apenas um GEOMORFOTOPONIMO: **Cachoeira das Furnas** – esta designação foi analisada no item Furnas. Percebe-se que o topônimo teve como motivação a existência de várias cavernas de pedra.

Assim como no item anterior, há apenas uma ocorrência de FITOTOPONIMOS; **Cachoeira da Mata** - Esta lexia foi analisada no item córregos.

Na análise das lexias ligadas à cachoeira, há algumas que não se enquadram na taxionomia adotada para base da análise. Temos **Cachoeira DNER** – Esta sigla significa Departamento de Estradas e Rodagens. A transformação em topônimo pode ter sido motivada por haver um acampamento do referido órgão público nas imediações da cachoeira, ou porque à área da cachoeira pertencesse a esse órgão.

4.1.8 - Quanto ao acidente LAGO apresentamos: CROMOTOPÔNIMOS - **Lago Vermelho** – *do latim vermicullus, da cor do sangue*. A cosmovisão do denominador atribui a designação da cor vermelha, talvez devido à cor da água do lago.

4.1.9 - Para o acidente SERRA temos: HIDROTOPÔNIMOS: **Serra Córrego Fundo** – estas lexias foram analisadas no item córrego. Aqui a motivação está ligada a outro acidente, ou seja, essa serra deve ser atravessada pelo córrego, ou ser a localização de sua nascente. Há, assim, uma transposição denominativa. **Serra do Roncador** - Roncar – *do latim rhontare derivado do grego rhogkiao - ‘respirar ruidosamente durante o sono’*. Este topônimo tem sua origem nos barulhos parecidos com roncos que muitos dizem ouvir quando estão na serra. Além disso, o acidente tem sua história marcada por aventuras, lendas e mistérios, dentre eles a expedição do Coronel Fawcett que buscava uma entrada para a Atlântida, fato que ainda atrai expedições do mundo inteiro.

Na taxa dos ERGOTOPÔNIMOS existe **Serra do Facão** – *faca – origem desconhecida, ‘instrumento que serve para cortar’*. O aumentativo é usado para designar instrumento bem maior que as facas, e que servem para abrir caminho pelas matas. É difícil inferir algo sobre o topônimo, mas é possível que tenha ocorrido um incidente que envolvesse um facão.

Quanto à taxa dos SOCIOTOPÔNIMOS, temos: **Serra Fazenda Duas Pontes** – este topônimo foi analisado no item córrego. Há assim a transposição do topônimo do acidente físico para o acidente humano, que revela a proximidade este acidente em relação ao outro.

Já para os ANTROPOTOPÔNIMOS temos; **Serra do Lalau** – Esta denominação foi dada em homenagem a um perfeito da cidade.

Na classe dos FITOTOPÔNIMOS temos: **Serra Taquaral** – Este item já foi analisado no item córrego e parece referir-se, assim como o outro, à existência de muitas taquaras.

Classificados na taxa dos LITOTOPÔNIMOS têm: **Serras Gerais** – *terreno extenso, coberto por vegetação rasteira, especialmente no planalto central, descampado*. A motivação pode ser atribuída ao aspecto físico da região.

4.1.10 - Para o acidente ILHA temos as taxes: ANTROPOTOPÔNIMOS - **Ilha Gasparina** - *do Antropônimo Gaspar da Silveira Martius (1835 – 1901), Ministro da Fazenda do Império do Brasil que autorizou o fracionamento dos bilhetes da loteria*. Pela semântica do topônimo é difícil perceber qual teria sido a motivação. A hipótese é que alguma moça ou senhora teve seu nome ligado ao acidente.

4.1.11 - Sobre o acidente VALE temos: ANIMOTOPÔNIMOS – **Vale dos Sonhos** - *do latim somniare, ‘ sequência de fenômenos psíquicos que involuntariamente ocorrem’*. Tendo em vista o misticismo que envolve a região do Roncador, que trouxe vários pesquisadores à região, inclusive Fawcett, é possível que esta denominação seja motivada pelo fato de ter sido encontrado um templo subterrâneo, de origem desconhecida, designada Mama ILLA, que os esotéricos acreditam ter pertencido à civilização atlante que se situava, antes da submersão, naquele lugar.

Outros acham que é o início de um túnel que liga a Serra do Roncador aos Andes, ou melhor, os índios Xavantes aos índios dos Andes, descendentes dos Incas. Chegam até a sugerir que o nome Xavante significa chave dos Andes, guardiões dos Incas. MIGUEZ (1996 p. 275).

4.2 - ACIDENTES HUMANOS

4.2.1 -Iniciamos a análise destes acidentes pelo acidente CIDADE, por ser o mais importante.

Assim, temos apenas uma ocorrência, pertencente taxa dos HIDROTOPÔNIMOS:

Cidade de Barra do Garças - Cidade – *do latim Civita, 'complexo demográfico formado social e economicamente por uma concentração populacional não agrícola'. Barra – do latim barr, 'pedaço ou desembocadura de rio', 'bancos ou coroas de detritos carregados pelos cursos d'água e depositados na foz dos rios'. Do – contração da preposição de+o, no caso indica que pertence e traz implícita a lexia rio. Garças – do pré-romano e adaptado ao latim lusitano 'gartia' que designa aves cicoformes, da família dos ardeídos que são aquáticas, vivem em bandos e alimentam-se de peixes.*

Neste caso, o município e sua sede são denominados pelo nome do curso da água que corta o seu território. Morfologicamente é composto por dois substantivos, uma preposição e um artigo masculino singular. Este tipo de topônimo, segundo a taxionomia de Dick (1997) é classificado como um hidrotopônimo visto estar designando um acidente ligado à hidrografia, e quanto à sua estrutura morfológica é um topônimo composto, pois apresenta mais de um elemento formador, ou seja, Barra, termo genérico que engloba simultaneamente a categoria de determinado e determinante (DICK: 1987 p. 14) e Garças que o diferencia de outros semelhantes. O artigo masculino presente na contração remete à lexia Rio, implícita na denominação.

É interessante notar que foi o acidente Rio que originou o nome do município e da cidade, pois esta se localiza na foz ou barra do Rio das Garças e só passou a ter essa denominação em 1948, enquanto que há notícias do Rio das Garças desde a chegada das bandeiras.

O local que originou a cidade teve como primeira denominação, Pedra da Barra Cuiabana. Esta denominação se deve ao fato da existência de uma pedra encontrada nesse local na qual existia a seguinte inscrição 'SS. ARRAYA 1871' que, segundo a lenda, era o

marco do lugar onde Simeão da Silva Arraya, ao regressar da guerra do Paraguai juntamente com outros soldados, escondeu uma garrafa com diamantes, que nunca foi encontrada.

Assim a primeira denominação do povoado foi Pedra da Barra Cuiabana. Depois vieram outras, como Registro do Araguaia, Santo Antônio do Amarante, Barra do Garças de Mato Grosso e, por último, apenas Barra do Garças. Como é tradição na organização administrativa Brasil, no município em análise existe apenas uma cidade, sede do município.

4.2.2 - No que concerne ao acidente FAZENDA - do latim *facenda* por *facienda*; *propriedade rural de grandes dimensões*. Foram encontradas as seguintes ocorrências: **HIDROTOPÔNIMOS Fazenda Água Azul; Fazenda Água Bonita; Fazenda Água Limpa; Fazenda Água Quente; Fazenda Córrego Fundo; Fazenda Córrego do Meio; Fazenda Córrego Bateia; Fazenda Córrego dos Cavalos; Fazenda Cabeceira do Ouro Fino; Fazenda Cabeceira da Ponte Queimada; Fazenda Cabeceira Bonita; Fazenda Cabeceira do Prata; Fazenda Cabeceira Suja; Fazenda Corredeira Bonita; Fazenda Cachoeira; Fazenda Lagoa Bonita; Fazenda Rio Bonito; Fazenda Rio Claro; Fazenda Rio Pindaíba.**

Estes topônimos tiveram como motivação as denominações dos acidentes físicos que os atravessam ou os circundam, houve, portanto, a transposição da designação do acidente físico para o humano.

Também se verifica, mesmo havendo a descrição do meio físico, a predominância da língua do branco, em detrimento da língua indígena. **Fazenda Remanso** – do latim *remansus*; *‘paz, tranquilidade, porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranqüila’*.

Neste caso a motivação pode ser devida à existência de enseada tranqüila ou mesmo à paz e tranquilidade que tal denominação pode passar ao denominador.

Como ocorrência de GEOMORFOTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Alcantilado;** **Fazenda Furnas;** **Fazenda Campo Alegre;** **Fazenda Boqueirão;** **Fazenda Cova Funda;** **Fazenda Grotão;** **Fazenda Paredão;** **Fazenda Vale do Barreiro;** **Fazenda Vale do Araguaia;** **Fazenda Vale dos Sonhos.**

As etimologias destas lexias já foram analisadas nos itens córrego e vale. O que se verifica é que o meio físico, ou melhor, as denominações dadas aos acidentes físicos se transferem para os humanos, o que parece revelar que, para muitos proprietários dessas fazendas, é mais importante localizá-las no espaço, pois essa localização pode favorecer os interesses dos mesmos. **Fazenda Bocaína** – *Boca* – do latim *buccam*, ‘depressão numa serra’. Aqui a forma do terreno foi a motivação que deu origem à denominação. Podemos afirmar que aqui se fundem duas cosmovisões diferentes: a o índio, descrição do ambiente, e a do colonizador. **Fazenda Campo Bonito** – do latim *campus-i*, *planície*, *terreno plano*. A fazenda deve estar localizada em um lugar plano, e o denominador atribui-lhe a qualidade, bonito, que acha que o campo tem. **Fazenda Campo Formoso** – Assim como no anterior esta denominação descreve o ambiente em que está situado o acidente humano, assim como a cosmovisão do denominador. **Fazenda Campo Redondo** – a forma do campo diferencia este acidente humano de outros, cuja denominação se inicia por campo. **Fazenda Monte Alegre** – do latim *mons*, *montis*, ‘elevação considerável de terreno acima do solo’ que a rodeia. A motivação deste topônimo parece estar ligada à existência de uma elevação que por motivos especiais devia trazer sentimento de alegria ao seu denominador. **Fazenda Morrinho** - Assim como no anterior, a existência de uma elevação menor deve ter originado a denominação. **Fazenda Planalto** – de plano+alto. Como o município está localizado numa região com vários planaltos. Esta denominação pode ser atribuída à localização do acidente. **Fazenda Pontal** – *ponte* – do latim – ‘extremidade’. Esta denominação pode ter sido motivada pela proximidade do município de Pontal, desmembrado há relativamente pouco tempo, do

município de Barra do Garças. **Fazenda Serra Azul** – a proximidade deste acidente físico motivou o topônimo do acidente humano. **Fazenda Vale do Ipê** – Neste caso, assim como no anterior, a motivação deve ter sido a localização do acidente humano, além da existência de ipês. **Fazenda Vale Dourado** – O topônimo demonstra não só a riqueza e aparência do acidente como também o desejo do eldorado. **Fazenda Vale Rico** – Assim como os anteriores, este topônimo demonstra tanto a possível riqueza material já existente no lugar como a que é possível produzir nele. **Fazenda Vale Verde** – Além da localização geográfica, do acidente humano, a coloração também está presente neste topônimo.

A taxa dos CARDIOTOPÔNIMOS está representada nas seguintes ocorrências: **Fazenda da Divisa** – Assim como o córrego, este acidente deve estar localizado na divisa de duas propriedades, ou de duas áreas administrativas diferentes.

Para os ZOOTOPONÍMOS, temos: **Fazenda Arara** – Esta lexia já foi analisada anteriormente, no item rio. **Fazenda Jandaia** – [do tupi *ñ'ndai*]. s.f. *Bras. Designação comum às espécies das aves psitacíformes da família dos psitacídeos*. Mais uma vez a visão indígena está presente neste topônimo. **Fazenda Beija-Flor** – [beija+flor], S.m, Bras. *Designação comum às aves micropodiformes da família dos troquilídeos, de vôo muito rápido, e se alimentam de néctar de flores*. Esta denominação parece ser motivada pela existência, em quantidade considerável deste tipo de ave, designado também pela beleza de seu vôo. **Fazenda Jataí** – do tupi – *yata'i* – *Árvore da família das leguminosas (Hymenaea courbaril), da Amaz. E nordeste. Abelha melipônida, da família dos meliponídeos (Trigona jaty), de cabeça e tórax pretos, abdome escuro. Nidifica em árvores ocas, nos interstícios de pedras, em rochas e muros*. É possível que nome da abelha seja motivada pela árvore, ou vice-versa. **Fazenda Jaguarzinho** – *Híbrido – tupi+inho – ya-guara – ‘o que devora ou dilacera’*. Este topônimo parece indicar a existência de animais dessa espécie na área onde foi edificado o acidente humano.

Na taxa dos FITOTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Gameleira** – esta lexia já está analisada no item córrego. Há, porém, um acréscimo a fazer. O seu proprietário, autor do livro *Araguaia: De Rondon ao Discoporto (História de um pescador)* (1996:230), afirma que quando ele e seu sócio compraram 1296 hectares na região, resolveram dar o nome de gameleira, porém não explica a razão de tal nomeação. Depreende-se que deve ter sido pela existência das árvores do mesmo nome ou pela denominação do córrego que corta a fazenda.

Fazenda Bacuri – Esta lexia já foi analisada no item córregos. **Fazenda Bacurizal** – *Híbrido – tupi+al*. Demonstra a visão do denominador na descrição do ambiente, e a não – *Lugar onde há muitas árvores de Bacuri* existência de lexia para denominar esse tipo de vegetal levou à manutenção da lexia indígena mais o sufixo al. **Fazenda Buriti** – já foi examinada no item córrego. **Fazenda Buriti alegre** – *Híbrido – tupi+alegre*. Estes topônimos já foram analisados no item córrego. **Fazenda Tambori** – *Ta-mbo-ry – ‘tronco que faz mamar; tronco escorrente’*. **Fazenda Taquaral** – *Híbrido. Taquara+al – ‘tronco ou haste furada’*. Esta lexia já foi analisada no item córrego. **Fazenda Cambaúva** – esta lexia já foi analisada no item córrego. **Fazenda Flamboyant** – *do francês. ‘Árvore com até 15 m, da família das leguminosas, subfamília cesalpinoídeos, nativa de Madagascar’*. Talvez pela beleza de suas flores. **Fazenda Florestal** – *do francês Forest – ‘referente ou próprio de floresta’*. **Fazenda Jacarandá** – *do tupi iakará na. Nome comum a diversas plantas das famílias das leguminosas e das bignoniáceas que formam excelente madeira para móveis*. Assim como em outros casos, o nome deve ter sido atribuído em virtude da abundância desse tipo de árvore na região. **Fazenda Pau-brasil** – *árvore da família das leguminosas, subfamília cesalpinoídea que outrora habitava o litoral brasileiro e hoje é bastante raro*. Possivelmente o denominador pretendeu homenagear a árvore símbolo do país.

As ocorrências dos ETNOTOPÔNIMOS são: **Fazenda dos Gaúchos** – *do esp. platino gaúcho de origem incerta, habitante da zona rural do Rio Grande do Sul e por extensão de*

todo o estado Rio Grandense. **Fazenda Paraguaia** – do tupi *Paraguay*, natural do Paraguai. Este topônimo remete ao sentimento que seu denominador expressa em relação ao Paraguai, possivelmente seu país de origem. **Fazenda Paulistinha** – do topônimo São Paulo, de ou pertencente ao Estado de São Paulo. O sufixo confere ao topônimo um sentimento de carinho. **Fazenda Akegaua** – esta variação não consta em nenhum dicionário consultado. Porém Akegawa é de origem japonesa. Pode-se deduzir que por ignorância do idioma japonês, alguém quis homenagear a família Akegawa e o fez, mas a escrita foi deformada.

Para a taxa dos METEREOTOPÔNIMOS temos: **Fazenda Alvorada** – alvor – *do latim albor-oris*, ‘primeira claridade da manhã’. Esta denominação parece revelar a esperança de um novo dia sempre melhor. **Fazenda Primavera** – ‘estação temperada e amena que se situa entre o inverno o verão’. É tida como renovadora da vida, da esperança e de juventude.

No caso dos NUMEROTOPÔNIMOS há as seguintes ocorrências: **Fazenda Dois Irmãos** – Possivelmente esta denominação teve como origem o fato de seus proprietários serem irmãos. **Fazenda Duas Barras** - Estas lexias já foram analisadas em outros itens. Há uma observação a fazer quanto à motivação, possivelmente a existência de dois rios ou córregos que deságuam num mesmo riacho. **Fazenda Duas Cachoeiras** – Este topônimo parece ter motivação idêntica às primeiras. **Fazenda Duas Pontes** – estas lexias já foram analisadas no item córregos. **Fazenda Três Marcos** – Assim como as anteriores, esta denominação parece indicar a existência de marcos na região.

Há apenas uma ocorrência na taxa dos MITOTOPÔNIMOS: **Fazenda Tupã** – *do tupi tupã* – ‘deus’, ‘gênio do trovão e do raio’. Esta denominação parece motivada por crenças religiosas não européias. Tanto pode ser uma homenagem aos índios através de seu Deus como, apenas, uma referência aos raios que caem na região.

Para a taxa dos ANTROPOTOPÔNIMOS temos: **Fazenda Ari Dark; Fazenda Camilo (do); Fazenda Daniella; Fazenda Jerônimo; Fazenda Juliana; Fazenda João Firmino; Fazenda Luciana; Fazenda Montana; Fazenda Otacílio José dos Santos; Fazenda Macalé; Fazenda Marta Rocha; Fazenda Marina; Fazenda Pereira; Fazenda Pompeu; Fazenda Salgorino; Fazenda Sanarda; Fazenda Valadão** que retratam a vontade do denominador em colocar os nomes de afetos seus ou até mesmo o próprio nome. Há um caso que merece atenção especial: **Fazenda Pabreulândia** – Esta denominação é a junção do nome Paulo Abreu e o sufixo lândia de origem inglesa e significa “terra de origem”. Segundo Miguez (1996, p.263) Paulo Abreu, então senador da República, em 30 de janeiro de 1970 organizou a Pabreulândia Cia Agropastoril do Brasil Central S/A. Note-se que para o senador, nascido pobre, que começou a trabalhar com 15 anos como caixeiro-viajante, ver o seu nome nas empresas que criou talvez lhe fizesse bem, pois o sentimento de autoconfiança é próprio do ser humano, pois segundo Dick (1990, p.05) “[...] nos tempos históricos, sabe-se que os lugares tomavam os nomes de seus possuidores, numa valorização do indivíduo sobre a terra e o solo”.

Normalmente os topônimos de acidentes humanos nascem da vontade do denominador que pode estar prestando homenagem a alguém de sua família ou convívio. E colocar uma marca, no caso, o nome significa delimitar o espaço, para mostrar quem é o proprietário. Porém no caso de Marta Rocha pode-se verificar que o denominador é admirador da Miss Brasil de 1954, e que ficou em segundo lugar no concurso de Miss Universo no mesmo ano, porém sua beleza continua sendo reverenciada até hoje.

Como exemplos da taxa dos LITOTOPÔNIMOS, temos: Fazenda Areia; Fazenda Areado; Fazenda Barreirinho; Fazenda Barro Preto; Fazenda Brejão; Fazenda Gorgulho; Fazenda Itarumã – do tupi; Fazenda Lajeado. Fazenda: Chão de Estrelas – Esta denominação parece ser uma homenagem à Seresta Chão de Estrelas. Fazenda Ouro Fino – Esta lexia já foi analisada no item córrego. Fazenda Ouro Verde – Neste caso a referência à

produtividade do solo está patente no substantivo ouro e no adjetivo verde, pois demonstra que através da agricultura e com menor esforço humano se pode obter riquezas tão valiosas quanto o ouro; Fazenda Pedra Branca; Fazenda Rochedo. Nestas denominações estão presentes os elementos naturais: pedra e rocha, o que nos leva a deduzir que a existência desses minerais motivou os topônimos.

O uso dos termos consagrados na Igreja Católica mostra, não só a visão do denominador, mas também, a religiosidade, especialmente dos católicos que expressam seus sentimentos através dos HIEROTOPÔNIMOS, como nas ocorrências a seguir: **Fazenda Cristo Rei; Fazenda Cristo Redentor; Fazenda Rosário; Fazenda Santo Reis.**

Os sentimentos citados acima são comprovados na longa lista dos HAGIOTOPÔNIMOS enlencados a seguir: **Fazenda Nossa Senhora Aparecida** – Sendo esta Santa a padroeira do Brasil, a atribuição de seu nome ao acidente revela respeito e veneração de seu proprietário à santa. **Fazenda Nossa Senhora da Guia; Fazenda Santa Adélia; Fazenda Santa Alice; Fazenda Santa Cândida; Fazenda Santa Clara; Fazenda Santa Elisa; Fazenda Santa Eugênia; Fazenda Santa Gabriela; Fazenda Santa Maria; Fazenda Santa Rosa; Fazenda Santa Tereza; Fazenda Santa Helena; Fazenda Santa Luzia; Fazenda Santa Maria; Fazenda Santa Adelina; Fazenda Santo Antonio; Fazenda São Bento; Fazenda São Benedito; Fazenda São Domingos; Fazenda São Jerônimo; Fazenda São João; Fazenda São Joaquim; Fazenda São José; Fazenda São Judas; Fazenda São Luiz; Fazenda São Manoel; Fazenda São Marcos; Fazenda São Miguel; Fazenda São Sebastião.**

O grande número de topônimos das taxes de Hierotopônimos e Hagiotopônimos, nos acidentes humanos, demonstra a fé com que a maioria das famílias que mudou de outros estados para este, que na época das grandes migrações tinha como lema ‘estado esperança’, se entregou à proteção dos mesmos, para conseguir vencer longe de seu torrão natal.

Para a taxa dos HODOTOPÔNIMOS há apenas uma ocorrência: **Fazenda Ponte Queimada** – Esta lexia foi analisada no item Ribeirão.

A taxa dos SOCIOTOPÔNIMOS apresenta as ocorrências: **Fazenda Aruanã** – Nome de uma tribo indígena da ilha de Marajó. Possivelmente o denominador quis homenagear a tribo. **Fazenda Curralinho** – *De origem controvertida ‘ lugar onde se junta e recolhe o gado’*. Talvez tenha havido, ou haja, um pequeno curral na fazenda, o que levou a essa denominação. **Fazenda Recanto** - *do latim cantus. ‘Lugar retirado ou oculto’*. Nesta denominação percebe-se a necessidade de seu nomeador de ter paz, estar em um lugar tranquilo.

Para os HISTORIOTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Bandeirante** – **Talvez do castelhano bandera que deriva do gótico bandwo** – *Bras. Grupo de desbravadores do território brasileiro*. Este topônimo é, sem sombra de dúvida, uma homenagem aos inúmeros grupos de homens que se aventuraram pelo Brasil para alcançarem seus sonhos, que culminaram na ocupação do território.

Enquadrados na taxa dos COROTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Brasil** – Esta denominação demonstra o afeto de seu denominador para sua pátria. **Fazenda Paranavaí** – *do tupi paraná – uay – rio Paranaguá, topônimo do Paraná*. Esta lexia demonstra o afeto que o migrante teve com sua terra natal ao nomear o acidente humano, repetindo o nome da cidade. **Fazenda Samoa** - *Esta denominação deriva de outro topônimo, ilhas Samoa, arquipélago do Centro-Sul do oceano Pacífico*. O fato da existência de tal topônimo na região pode indicar a existência natural de um descendente de tal ilha, que deve ser o dono da fazenda. **Fazenda Terra do Sol** – Este topônimo composto descreve o ambiente físico do lugar, bem como sugere uma vida melhor. **Fazenda Vera Cruz** – Primeira denominação da terra brasileira. Parece ser uma homenagem àqueles que aqui chegaram e a denominaram.

Fazenda Panorama – pan+orama – cena, cenário, horizonte, paisagem. Este topônimo reflete o ambiente em que está inserido o acidente, segundo a lógica de seu denominador.

Já para os ASTROTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Cruzeiro do Sul** – *Esta constelação era orientadora dos navegantes, antes dos satélites, e ao mesmo tempo símbolo do Hemisfério Sul*, o que parece ser um motivo forte para esta denominação, numa mesma região onde ainda há necessidade de orientação. **Fazenda Estrela do Vale** – *do latim Stella, ‘denominação comum aos astros luminosos que mantêm praticamente as mesmas posições relativas na esfera celeste e que apresentam cintilação’*. Sendo estrela astro luminoso, esta denominação mostra que seu denominador espera ou esperava que esta fazenda fosse a mais luminosa, próspera, do vale. **Fazenda Sol Vermelho** – Sendo o Sol um dos fatores responsáveis pela vida apresentando coloração vermelha ao nascer e ao se pôr, esta denominação parece refletir o maravilhoso espetáculo que se desfruta de tal acidente.

Como representantes da taxa dos ECOTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Fortaleza** – do latim *fortis*. Esta denominação pode ter duas interpretações. A primeira diz respeito à existência de uma edificação muito bem protegida, a segunda pode ser atribuída às condições físicas e psicológicas de seus denominadores. **Fazenda Mocambo** – Esta lexia foi analisada no item córregos. **Fazenda Tapejara** – *do tupi tapi’yara, ‘morador do lugar, conhecedor da região, guia’*. Esta denominação parece indicar que seu denominador foi um dos pioneiros, por isso é conhecedor do lugar que pôde, como tal, servir de guia para os que vieram depois. **Fazenda Pousada das Garças** – Conforme a designação indica, neste lugar as garças devem se recolher para descansar durante a noite. **Fazenda Ranchão** – O aumentativo de rancho parece indicar o tamanho do acidente.

Para os ERGOTOPÔNIMOS há as seguintes ocorrências **Fazenda Avoadeira** – Esta lexia foi analisada no item córrego. **Fazenda Bateia** – Lexia analisada no item córrego. **Fazenda Espora de Prata** – *Pontade metal ajustada no tacão do calçado topônimo para*

incitar a montaria; Prata – elemento, metal de transição. Neste topônimo podemos observar a influência da literatura de cowboy americano, cujo desejo era ter esporas de prata, símbolo de domínio sobre o cavalo. **Fazenda Guararapes** – *do tupi – ‘nos tambores’*. A motivação tanto pode ser indígena como do colonizador que pode ter desejado homenagear os combatentes da Batalha de Guararapes. **Fazenda Marmelada** – Esta lexia já foi analisada no item córrego.

Quanto aos ANIMOTOPÔNIMOS, há as seguintes ocorrências: **Fazenda Boa Sorte** – O desejo de melhorar a situação está expresso neste topônimo formado por adjetivo + substantivo. **Fazenda Boa Vista** – Este topônimo descreve o ambiente físico percebido pelo denominador não indígena. **Fazenda Bom Jardim** – O substantivo jardim, *‘local onde se cultivam plantas que florescem’*, adjetivado por bom, também demonstra a vontade de seu denominador de colher ‘flores’ aqui no sentido conotativo do termo, para si e sua família. **Fazenda Chalon** – Saudação dos judeus (Shallon) que significa “tudo de bom”. Assim ao escolher esta lexia para nomear sua propriedade, o denominador expressa seus desejos, de felicidade e utiliza a regra gramatical da grafia portuguesa. **Fazenda Fama** – No caso ‘favorável’, possibilidades de ser famosa por sua produção. **Fazenda Formosa** – *‘Forma ou aparência agradável’*. Esta lexia deve ser o desejo do denominador: a beleza de sua propriedade. **Fazenda Fortuna** – *Força a quem se atribui poder de influir no êxito ou fracasso. ‘Bens materiais.* Aqui também está presente o desejo do denominador. **Fazenda Maravilha** – Esta lexia foi analisada no item córrego. **Fazenda Marupiara** – *Do tupi Marupi’ara, diz –se ‘de ou pessoa que tem sorte na caça ou na pesca, pessoa que se sente feliz, que foi favorecida pela sorte’*. Este topônimo sintetiza a esperança de seu denominador. Parece que a escolha do topônimo, embora seja indígena, não foi usada pelos índios e sim por brancos que a desejam. **Fazenda Sonho Alegre** – Este topônimo expressa as esperanças e as ilusões do seu denominador em relação à sua propriedade.

As ocorrências dos AXIOTOPÔNIMOS são: **Fazenda CAPITÃO** – *Comandante de número expressivo de combatentes*. Esta denominação pode ser atribuída à patente obtida por seu proprietário. **Fazenda Dr. Ivan** – Este topônimo parece homenagear o portador desse título, ou perenizar a existência do proprietário, caso este seja seu nome. **Fazenda Princesa do Vale** – O título de princesa atribuído à fazenda, mostra que esta é uma das mais importantes da região. **Fazenda Senhor Neguinho** – *do latim Senior, negro do latim niger, nigro+inho*. Neste topônimo há, aparente, uma contradição, os negros eram escravos e não senhores e como tal não tinham o direito de usar esse tratamento. Porém como essa denominação foi atribuída por volta de 1976 (Miguez, 1976, p. 230) a contradição não apresenta tanta força. O proprietário da fazenda Manoel Borges, conhecido por Manoel Preto, Manuel Negro por sua tez escura, viu sua fazenda denominada por Senhor Neguinho. Este diminutivo parece ser carinhoso, pois ele defendia a distribuição de terra para quem nela trabalhasse. Aqui, a cor da tez e a posição ideológica motivaram o topônimo.

Para a taxa dos CRONOTOPÔNIMOS, temos: **Fazenda Nova Aliança**. Esta ocorrência parece revelar um pacto. Talvez seja uma nova sociedade ou uma promessa feita ao Criador. **Fazenda Nova Aurora** – Sendo a aurora o começo do dia e, portanto, da esperança este topônimo revela os anseios do denominador. **Fazenda Nova Esperança** – pode ser a renovação das esperanças ou a repetição do nome de outra propriedade do denominador. **Fazenda Nova França** – Há, neste caso, uma alusão específica à França, que durante o Século das Luzes foi o símbolo da liberdade. Possivelmente o denominador quisesse, além de homenagear o país, aludir à liberdade. **Fazenda Nova Lima; Fazenda Nova Maravilha; Fazenda Nova Olinda; Fazenda Nova Roma; Fazenda Nova Vieira**.

Estes topônimos parecem ser resultado de homenagens que seus proprietários fizeram a outros acidentes que tanto podem ser cidades ou até mesmo propriedades particulares.

4.2. 3 - RETIRO

Devido à grande extensão das áreas ocupadas pelas fazendas em Mato Grosso, existem construções, longe da sede, que são denominadas de retiro, cuja finalidade é dar abrigo aos trabalhadores, possibilitando um descanso mais longo do que aquele que teriam se fossem para a sede. Assim ocorrem as seguintes taxes ligadas ao acidente RETIRO –*Origem obscura – Lugar solitário; deserto; retraimento, ermo, solidão:*

LITOTOPÔNIMOS: **Retiro Areado** - Esta lexia já foi analisada no item córrego.

Para os SOCIOTOPÔNIMOS, temos: **Retiro Fazenda Duas Âncoras** – *âncora do latim âncora, derivado do grego agkyra, peça que agüenta a embarcação no fundeadouro.* Este topônimo permite visualizar a necessidade de segurança do seu denominador. **Retiro Fazenda Duas Pontes** – Esta lexia já analisada no item córrego. **Retiro Fazenda Lajeado** – Lexia analisada no item córrego. **Retiro Fazenda Madeira** – do latim matéria – tronco de árvores. Devido à grande quantidade de florestas da região, esta denominação deve ter sido motivada por esse fato. **Retiro Fazenda Nossa Senhora Aparecida. Retiro Pabreulândia** – Esta lexia já foi analisada no item fazendas. **Retiro Fazenda Paraná** – Esta lexia foi analisada no córrego. **Retiro Florestal da Fazenda Pau Brasil** – Esta denominação pode estar relacionada à existência de plantação dessa espécie ou vegetal, que foi responsável pelo nome do país. **Retiro Fazenda Pitomba** – Esta lexia já foi analisada no item córregos. **Retiro Fazenda Santa Catarina** – Esta lexia foi analisada no item fazendas. **Retiro Fazenda São Domingos** – Analisada no item córrego. **Retiro Fazenda Córrego** – Esta lexia foi analisada nos itens córregos e fazendas.

Quanto aos FITOTOPÔNIMOS, temos **Retiro Taquaral** – Esta lexia já foi analisada no item córregos. **Retiro Palmito** – Esta lexia já foi analisada no item córregos.

Só existe uma ocorrência de ETNOTOPÔNIMO: **Retiro Paulistinha** – que se refere a o topônimo São Paulo. Através do diminutivo reflete o sentimento de carinho, de seu denominador para com o seu estado de origem.

4.2.4 - ESTÂNCIA

Sobre o acidente ESTÂNCIA – *do italiano stanza – estabelecimento rural destinado à cultura da terra e a criação de gado* pode-se verificar que a finalidade da estância é semelhante à da fazenda, mas talvez a origem de seu denominador tenha levado à escolha desta lexia que, além de designar o tipo de acidente, se incorporou ao próprio nome.

4.2.5 - Quanto ao acidente PORTO – *do latim portus-us. ' lugar da costa ou em um rio, lagoa etc. que, por oferecer às embarcações certo abrigo, lhes permite fundear e estabelecer contato com a terra.* A esta lexia está ligada apenas uma lexia diferencial, a qual não se enquadra em nenhuma das taxes utilizadas neste estudo: **Chipinga**.

4.2.6 - O item COLÔNIA – *do latim colônia. ' grupo de imigrantes, posseção, domínio'* na região em estudo, esta lexia denomina também região habitada por índios. Assim temos: HÁGIOTOPÔNIMO: **Colônia São Marcos** – Sendo uma reserva indígena, este topônimo reforça a denominação da igreja católica sobre o índio. Esta reserva é de Xavantes, mas não é denominada na língua indígena.

Como exemplos de GEOMORFOTOPÔNIMOS têm: **Colônia Meruri** – Bororo – *Monte da Arraia*. Este é um dos poucos topônimos que ainda preservam a língua do povo que ocupava a região.

4.2.7 - Há acidentes humanos que embora tenham características de fazendas, onde são criados vários tipos de gado e também se dedicam à agricultura, não são denominados de fazenda e têm os nomes das empresas que os possuem. Como exemplo temos a lexia *AGROPASTORIL*, que é composta por dois morfemas lexicais – agro e pastoril e a lexia agropecuária composta por agro +pecuária e do latim *pecuaria-ae, relativo a gados*. A origem

da primeira é grega, *agros* que passou para *agri* no latim e que significa *campo* e pastoril do latim *pastoridus*. Estas lexias encontram-se ligadas a: HAGIOTOPÔNIMOS: **Agropastoril Nossa Senhora Aparecida** – Este topônimo confirma a religiosidade do povo brasileiro. **Agropastoril Santo Antonio** – Este topônimo também confirma a religiosidade do povo brasileiro.

Como ANTROPOPÔNIMOS temos: **Agropastoril Magri** – O sobrenome do proprietário parece ser a motivação do topônimo.

Como COROTOPÔNIMOS temos: **Agropastoril Barra do Garças**. Na escolha desta denominação é evidente a homenagem que seu proprietário faz à cidade ou município em se localiza o acidente.

CONCLUSÃO

A quantificação dos topônimos desta região nos mostra os seguintes percentuais: **a)** **Acidentes Antropo-culturais**, 59,28%, ou seja, 265 ocorrências num total de 447, distribuídas pelas seguintes taxas: **Animotopônimos**, 23, 5,15%; **Antropotopônimos**, 27, 6,04%; **Axiotopônimos**, 7, 1,57%;, 9 **Corotopônimos**, 2,01%; **Cronotopônimos**, 10, 2,24%; **Dirrematopônimos**, 6, 1,34%; **Ecotopônimos**, 8, 1,79%; **Ergotopônimos**, 17, 3,80%; **Etnotopônimos**, 10, 2,24%; **Hagiotopônimos**, 48, 10,74%; **Hierotopônimos**, 8, 1,79%; **Historiotopônimos**, 2, 0,45%; **Hodotopônimos**, 4, 0,89%; **Litotopônimos**, 35, 7,83%; **Mitotopônimos**, 1, 0,22%; **Numerotopônimos**, 10, 2,24%; **Poliototopônimos**, 1, 0,22%; **Sem Classificação**, 10, 2,24%; **Sociotopônimos**, 25, 5,59%; **Somatotopônimos**, 3, 0,67%; **Toponimização**, 1, 0,22%.

b) Acidentes Físicos, 40,72%, ou seja, 182 ocorrências num total de 447, **Astrotopônimos**, 3, 0,67%; **Cardinotopônimos**, 4, 0,89%; **Cromotopônimos**, 4, 0,89%; **Dimensiotopônimos**, 3, 0,67%; **Fitotopônimos**, 48, 10,74%; **Geomorfotopônimos**, 43, 9,62%; **Hidrotopônimos**, 43, 9,62%; **Metereotopônimos**, 2, 0,45%; **Morfotopônimos**, 3, 0,67%; **Zootopônimos**, 29, 6,49%.

Pelos percentuais, podemos inferir que as ocorrências de natureza Antropo-cultural predominam sobre os de natureza física. Além, disso, o corpus levantado demonstrou que as ocorrências em língua tupi predominam sobre as de outras línguas indígenas da região.

Este fenômeno pode ser devido à mobilidade dos tupis, como também à presença dos mesmos nas expedições que adentraram ao território do Centro Oeste. Além disso, o caráter predatório das bandeiras que buscavam os indígenas para escravizar e a falta de respeito e desconhecimento das línguas indígenas apagou, para sempre, as denominações atribuídas aos

acidentes físicos, substituindo-as por outras denominações que podiam ser na língua do invasor ou na língua do guia/intérprete indígena.

Hoje, o que se tem em uso na toponímia é o resultado de denominação do povo colonizador, pois assim como outros povos conquistadores da antiguidade os colonizadores substituíram os topônimos das línguas autóctones por outros de sua própria língua, representativos de sua cultura.

Em se tratando de acidentes físicos, os indígenas usavam elementos descritivos e os associativos como base de sua denominação toponímica como, por exemplo, **Pindaíba, Araguaia, Arara, Bacuri, Buriti.**

Os colonizadores parecem ter assimilado essa forma de nomear e denominaram na taxa dos Hidrotopônimos, por exemplo, vários acidentes pelas suas características – **Córrego Água Limpa, Córrego Água Azul**; Fitotopônimos: **Córrego Cambaúva, Córrego Buriti**, Geomorfotopônimos: **Córrego Campo Alegre, Córrego Grota Funda**; Etnotopônimos: **Córrego dos Índios, Córrego do Mineiro**; Zootopônimo: **Ribeirão Galheiro**; Litotopônimo: **Ribeirão Gorgulho**; Axiotopônimo: **Ribeirão Dom Bosco**; Historiotopônimo: **Rio das Mortes**; Hagiotopônimo: **Rio São Marcos**; Axiotopônimo: **Fazenda Senhor Neguinho**; Antropotopônimo: **Fazenda Pabreulândia**, o que comprova que, embora os nomes dados pelos indígenas, na sua maioria, se tenham perdido, a forma de nomear dos primeiros habitantes da região permaneceu, continuando os colonizadores, assim, a utilizarem globalmente os elementos descritivos e associativos que eram característica da visão prática e objetiva dos indígenas.

As lexias indígenas que foram mantidas na toponímia barra-garcense sugerem que o colonizador não tinha em seu plano de expressão, nenhum elemento capaz de representar o conteúdo como, por exemplo, **Bacuri, Taquara, Cambaúva** e outras.

A maioria das denominações foi modificada seguindo a cultura dos colonizadores, e embora a motivação propriamente dita seja analisada hipoteticamente, na base de conjecturas, é interessante verificar que na nomeação do acidente **córrego**, num total de 133, há apenas dois **Hagiotopônimos** o que parece refletir a falta de tempo daqueles que se embrenhavam pelo sertão de se dedicar à religião. Assim as denominações que revelam essa faceta da cultura do colonizador apresentam um percentual mínimo 2,66% em relação, por exemplo, aos **Hidrotopônimos** que representam 23,94%.

Já no item **Rios**, essa taxa aparece apenas uma vez – **São Marcos** – levando a inferir a existência de missionários que devem ter mudado a primeira denominação do acidente, que devia ser na língua xavante, nomeando-o, segundo sua cultura religiosa, inclusive transpondo a mesma denominação para outro tipo de acidente, no caso humano, Reserva Indígena São Marcos. Este caso demonstra de forma categórica, a dominação e possível estrangulamento sofrido pelos indígenas, não só quanto à sua língua, mas também enquanto seres humanos.

Conforme se pode deduzir pelas ocorrências levantadas, a toponímia dos acidentes físicos se baseia na descrição do ambiente em que se localiza, por exemplo, **Córrego Grota Funda, Córrego Taquaral**.

As ocorrências dos topônimos das taxas **Hagio e Hiero** são de apenas 12,53 % do total dos acidentes físicos. Nota-se que, no caso dos **Fitotopônimos**, a lexia **Buriti** aparece várias vezes. Esse tipo de vegetal é formador das matas ciliares que acompanham as baixadas dos acidentes hidrográficos e que são fundamentais para a manutenção e preservação do ecossistema existente. Denominar esses acidentes geográficos com essa lexia é, de certa forma, cultuar a natureza e simultaneamente descrevê-la.

Os topônimos designativos dos acidentes humanos, freqüentemente, se apropriam da denominação dos acidentes físicos que estão por perto ou cortam seus limites, por exemplo, **Fazenda do Rio Pindaíba**, num evidente desejo de seus proprietários, no caso das fazendas

ou retiros, localizarem geograficamente o acidente que é quase sempre, relativamente jovem, cerca de cinquenta anos, enquanto a maioria dos acidentes físicos foi denominada há muito mais tempo, alguns datam dos séculos XVII, XVIII, e XIX.

Há, porém, casos em que, como já faziam os povos conquistadores da antiguidade, em que os nomes dados pelos primitivos habitantes, foram substituídos pelos dos invasores, no caso, colonizadores. Como exemplo pode-se citar a denominação de duas fazendas: Otacílio José de Campos e Pabreulândia.

Verifica-se também que quando as fazendas pertencem a grandes conglomerados agropastoris ou pecuários a denominação adotada é a Razão Social ou o nome de Fantasia da empresa, por exemplo, Agropastoril Magri, Agropastoril Barra do Garças.

Os **Hagiotopônimos e Hierotopônimos** representam 50,6% do total de 187 ocorrências das denominações dos acidentes humanos fazendas. Em conversas informais com dois proprietários dessas fazendas Santa Elisa e Santo Antônio foi obtida a informação sobre a motivação de tais denominações: a primeira foi homenagem à mãe do atual proprietário a sua protetora, enquanto que a motivação da segunda está ligada à promessa feita pelo proprietário atual a Santo Antonio, se conseguisse “plantar com pouco de chão só seu”.

Pelos exemplos citados deduz-se que a religiosidade e a gratidão levam à utilização desse tipo de homenagem pela denominação.

Há ainda a utilização da lexia **Nova** seguida de nome de cidades, dos estados de origem, ou de outras propriedades. Este tipo de ocorrência surge quando existe a necessidade de relembrar o passado e, ao mesmo tempo, renová-lo.

Face aos dados apresentados pode-se afirmar que as línguas indígenas regionais estão representadas apenas na denominação dos acidentes físicos: **Córrego Merurinho** e no acidente humano **Colônia Meruri**.

A presença da língua tupi tanto em topônimos tupis ou híbridos é mais expressiva nos acidentes físicos do que nos acidentes humanos.

Sendo estes mais recentes pode-se inferir que a toponímia da região sofreu perdas irreparáveis, pois a substituição dos topônimos originais de línguas de povos extintos, impossibilitou o registro de informações sobre sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5 ed., São Paulo: Atlas, 2002.
- BIDERMAN, M.T.C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: PIRES DE OLIVEIRA, A.M.P., ISQUERDO, A.N. (Orgs). **As ciências do léxico, Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. 2ª ed., Campo Grande/MS: UFMS, 2001. p. 131-151.
- CARDOSO, A.L. **Toponímia basílica**. Editora Biblioteca do Exército, 1961.
- CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda, 1976, p.26-28.
- CORREA, V. F. **História de Mato Grosso**. Coleção Memórias Históricas. V. 4. Várzea Grande: Edição da Fundação Júlio Campos, Várzea Grande, 1994.
- CUNHA, A G.da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos/Instituto Nacional do Livro, 1978.
- _____. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- DAUZAT, A. **Les Noms de Lieux: origine et evolution**. 2ª ed. Paris: Liabnaire Delagrave, 1928, p.1-20.
- DICK, M.V.P.A. A Morfologia do signo toponímico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: USP, V. 27, ISSN-0020-3874. p.370-371, 1987.
- _____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
- _____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.
- _____. Atlas Toponímico: um estudo de caso. Acta semiótica et Lingüística. **SBPL: Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística**. São Paulo: Editora Plêiade, 1996. p.27-45.
- _____. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo: **Revista Investigações Lingüísticas e Teoria Literária**. Pernambuco: UFP, semestral. v.19. ISSN 0104-1320.1999, p. 119-148.
- _____. **A investigação lingüística na onomástica brasileira**. Estudos de Gramática Portuguesa III. Biblioteca Luso-Brasileira. V. 14. Frankfurt am Main 2000.ISBN 3-925203-73-7, ISSN 1432-4393. p.217-239.

_____. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897**, Annalume, São Paulo, 1996.

DOSSE, François. **Historia do Estruturalismo** – v. I: o campo do signo, 1945-1966. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio; Compinas, EDUNICAMP, 1993

DRUMOND, C. **Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, J.C.V. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Secretaria de estado da Cultura, 1997.

FERREIRA, José de Moura Silva. **Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes**. Cuiabá: Edição da Telemat Celular, s/d.

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. V.3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

GUERRA, Antonio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria do Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, 1987.

HOUAISS, A., Villar, M.S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LYONS, J. **Introdução à Lingüística Teórica**. Trad. Rosa V. Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

Mapa do Brasil. **Base Cartográfica de Mato Grosso**. Escala 1:100. 000. Cuiabá: INTERMAT: fls.: 281, 282, 283, 284, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 316, 317, 318, 319, 320, 330, 331, 332, 1976.

MENDONÇA, E. **Datas mato-grossenses**. 1. ed. Goiás: Editora Rio Bonito, 1973.

MORAIS SILVA, A. de M. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 10.ed.rev., v.3. Lisboa: Editorial Confluência

SAPIR, E. **Língua e Ambiente**. Lingüística como ciência. Ensaio. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SAMPAIO, T. **O Tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIQUEIRA, E.M. et al. **O processo histórico de Mato Grosso.** Cuiabá: Editora da UFMT, 1990.

ULLMANN, E. **Semântica.** Uma Introdução à Ciência do Significado. Trad., J.A. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa: Fundação Alouste Gulbenkian, 1964.

VANDONI, R. **Ao longo do Araguaia.** Cuiabá: EMPAER, 1992.

VARJÃO, V. **Barra do Garças:** migalhas de sua história. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

VASCONSELOS, J.L. **Opúsculos** – Vol.III: Onomatologia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

ANE XOS

ANEXO B

Quadro 1 – Topônimos do Município de Barra do Garças

Qtd	Acidente	Tip	Etimologia ³	Classificação	Lexical
1	Água Alta, Córrego	F	Português ⁴	Hidrotopônimo	
2	Água Azul, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
3	Água Azul, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
4	Água Bonita, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
5	Água Bonita, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
6	Água Limpa, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
7	Água Limpa, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
8	Água Limpa, Furnas do	F	Português	Hidrotopônimo	
9	Água Quente, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
10	Água Quente, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
11	Akegaua, Fazenda	H	Português	Etnotopônimo	
12	Alcantilado, Córrego	F	Português	Morfotopônimo	
13	Alcantilado, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
14	Aldeia, Córrego	F	Português	Poliotopônimo	
15	Alegre, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
16	Alvorada, Fazenda	H	Português	Metereotopônimo	
17	Antas, Córrego das	F	Português	Zootopônimo	
18	Araguaia, Rio	F	Tupi	Zootopônimo	
19	Arara, Córrego	F	Tupi	Zootopônimo	
20	Arara, Fazenda	H	Tupi	Zootopônimo	
21	Areado, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
22	Areado, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
23	Areado, Retiro	H	Português	Litotopônimo	
24	Areia, Córrego da	F	Português	Litotopônimo	
25	Areia, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
26	Areia, Serra do	F	Português	Litotopônimo	
27	Areinha, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
28	Ari Dark, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
29	Aruanã, Fazenda	H	Tupi	Sociotopônimo	
30	Atola Besta, Córrego	F	Português	Dirrematopônimo	
31	Açude, Córrego do	F	Português	Hidrotopônimo	
32	Avoadeira do Norte,	F	Português	Ergotopônimo	
33	Avoadeira, Córrego	F	Português	Ergotopônimo	
34	Avoadeira, Fazenda	H	Português	Ergotopônimo	
35	Azul, Serra	F	Português	Cromotopônimo	
36	Bacuri, Córrego	F	Tupi	Fitotopônimo	
37	Bacuri, Fazenda	H	Tupi	Fitotopônimo	
38	Bacurizal, Fazenda	H	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	

³ Neste trabalho, nos propusemos a buscar a etimologia dos nomes, principalmente, os de origem indígena, tomando como parâmetro a postura metodológica de SAMPAIO, para quem: “O estudo etimológico dos vocábulos, para o fim de fixar-lhes o verdadeiro significado, foi sempre campo de larguíssimas proporções, onde a imaginação, não raro, assumem papel preponderante, e as hipóteses mais ousadas, como as explicações mais sugestivas, encontram guarida e se impõe ao senso comum”. (SAMPAIO, 1987, p. 173).

⁴ Considerou-se neste trabalho lexias de língua portuguesa aquelas que têm sua etimologia no Latim, pois para o levantamento consideramos, apenas, aqueles de origem diversa à latina, já que o propósito é verificar traços lingüísticos de outras línguas, que não a portuguesa, na localidade onde os topônimos foram registrados.

39	Bandeirantes, Fazenda	H	Português	Historiotopônimo	
40	Barra do Garça, Retiro	H	Português	Corotopônimo	
41	Barra do Garças,	H	Português	Corotopônimo	
42	Barra do Garças, Cidade de	H	Português	Geomorfotopônimo	
43	Barreirinho, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
44	Barreirinho, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
45	Barreiro, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
46	Barreiro, Rio	F	Português	Litotopônimo	
47	Barro Preto, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
48	Barro Preto, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
49	Bateia, Cachoeira da	F	Português	Ergotopônimo	
50	Bateia, Córrego	F	Português	Ergotopônimo	
51	Bateia, Fazenda	H	Português	Ergotopônimo	
52	Beija-flor, Fazenda	H	Português	Zootopônimo	
53	Bela Vista, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
54	Boa Sorte, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
55	Boa Sorte, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
56	Boa Vista, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
57	Bocaina, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
58	Bom Jardim, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
59	Bonitinho, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
60	Boqueirão, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
61	Boqueirão, Ribeirão	F	Português	Geomorfotopônimo	
62	Brasil, Fazenda	H	Português	Corotopônimo	
63	Brejão, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
64	Buriti Alegre, Córrego	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
65	Buriti Alegre, Fazenda	H	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
66	Buriti Quebrado, Córrego	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
67	Buriti Verde, Córrego	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
68	Buriti, Fazenda	H	Tupi	Fitotopônimo	
69	Buritizal, Córrego	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
70	Cabeceira Bonita, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
71	Cabeceira Comprida,	F	Português	Hidrotopônimo	
72	Cabeceira da Ponte	H	Português	Hidrotopônimo	
73	Cabeceira do Ouro Fino,	H	Português	Hidrotopônimo	
74	Cabeceira do Prata, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
75	Cabeceira Suja, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
76	Cabeceira Suja, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
77	Cabeceira Verde, Fazenda	F	Português	Hidrotopônimo	
78	Cachoeira Comprida,	F	Português	Hidrotopônimo	
79	hoeira da Matinha, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
80	Cachoeira, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
81	Cachoeirinha, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
82	Cambaúva, Córrego	F	Tupi	Fitotopônimo	
83	Cambaúva, Fazenda	H	Tupi	Fitotopônimo	
84	Camilo, Fazenda do	H	Português	Antropotopônimo	
85	Campo Alegre, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
86	Campo alegre, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	
87	Campo Bonito, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	

88	Campo Formoso, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
89	Campo Redondo, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
90	Canivete, Córrego	F	Português	Ergotopônimo	
91	Capa, Córrego do	F	Português	Ergotopônimo	
92	Capão Bonito, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
93	Capitão, Fazenda	H	Português	Axiotopônimo	
94	Carro Velho, Córrego	F	Português	Ergotopônimo	
95	Cavalos, Córrego dos	F	Português	Zootopônimo	
96	Caveira, Córrego	F	Português	Somatotopônimo	
97	Cedro, Córrego do	F	Português	Fitotopônimo	
98	Chalon, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
99	Chão de Estrelas, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
100	Chapéu, Córrego do	F	Português	Morfotopônimo	
101	Cipriano, Córrego	F	Português	Antropotopônimo	
102	Colônia, Córrego da	F	Português	Sociotopônimo	
103	Corgão	F	Português	Toponimização	
104	Corixo, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
105	Corredeira Bonita, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
106	Córrego Bateia, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
107	Córrego do Meio, Fazenda	H	Português	Cardinotopônimo	
108	Córrego dos Cavalos,	H	Português	Hidrotopônimo	
109	Córrego dos Índios, Fazenda	H	Português	Etnotopônimo	
110	Córrego Fundo, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
111	Córrego Fundo, Serra	F	Português	Hidrotopônimo	
112	Correntes, Rio	F	Português	Hidrotopônimo	
113	Cova Funda, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
114	Cova Funda, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
115	Coveiro, Lagoa do	F	Português	Somatotopônimo	
116	Cristalino, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
117	Cristo Rei, Fazenda	H	Português	Hierotopônimo	
118	Cruzeiro do Sul, Fazenda	H	Português	Astrotopônimo	
119	Curralinho, Fazenda	H	Português	Sociotopônimo	
120	Daniella, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
121	Desconhecida, Fazenda	H	Português	SC ⁵	
122	Desconhecido, Córrego	F	Português	SC	
123	Diamante, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
124	Divisa, Córrego da	F	Português	Cardinotopônimo	
125	Divisa, Fazenda da	H	Português	Cardinotopônimo	
126	DNER, Cachoeira do	F	Português	SC	
127	do Ouro, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
128	Dois Córregos	F	Português	Numerotopônimo	
129	Dois Irmãos, Fazenda	H	Português	Numerotopônimo	
130	Dom Bosco, Ribeirão	F	Português	Axiotopônimo	
131	Doutor Ivan, Fazenda	H	Português	Axiotopônimo	
132	Doutor Rosicler, Fazenda	H	Português	Axiotopônimo	
133	Duas Barras, Fazenda	H	Português	Numerotopônimo	
134	Duas Cachoeiras, Fazenda	H	Português	Numerotopônimo	
135	Duas Pontas, Córrego	F	Português	Numerotopônimo	

⁵ Para SC – leia-se sem classificação.

136	Duas Pontes, Fazenda	H	Português	Numerotopônimo	
137	Éguas, Lagoa das	F	Português	Zootopônimo	
138	Ema, Córrego da	F	Português	Zootopônimo	
139	Enjeitado, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
140	Escondida, Lagoa	F	Português	SC	
141	Espora de Prata, Fazenda	H	Português	Ergotopônimo	
142	Espora de Prata, Retiro	H	Português	Ergotopônimo	
143	Estiva, Córrego da	F	Português	Sociotopônimo	
144	Estrela do Vale, Fazenda	H	Português	Astrotopônimo	
145	Facão, Serra do	F	Português	Ergotopônimo	
146	Fama, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
147	Fazenda Duas Âncoras,	H	Português	Sociotopônimo	
148	Fazenda Duas Pontes,	H	Português	Numerotopônimo	
149	Fazenda duas Pontes, Serra	F	Português	Sociotopônimo	
150	Fazenda Lajeado, Retiro da	H	Português	Sociotopônimo	
151	Fazenda Madeira, Retiro da	H	Português	Sociotopônimo	
152	Fazenda Nossa Senhora	H	Português	Sociotopônimo	
153	Retiro da	H	Português	Sociotopônimo	
154	Fazenda Paraná, Retiro da	H	Tupi	Sociotopônimo	
155	Fazenda Pau Brasil, Retiro	H	Portugês	Sociotopônimo	
156	Fazenda Pitomba, Retiro da	H	Tupi	Sociotopônimo	
157	Fazenda Santa Catarina,	H	Português	Sociotopônimo	
158	Fazenda São Domingos,	H	Português	Sociotopônimo	
159	Fazenda Taquaral, Retiro	H	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
160	Fazendinha, Córrego	F	Português	Sociotopônimo	
161	Fazendinha, Serra da	F	Português	Sociotopônimo	
162	Feliz, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
163	Ferrugem, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
164	Flamboyant, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	
165	Florestal, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	
166	Fogaça, Córrego	F	Português	Antropotopônimo	
167	Fogaça, Retiro	H	Português	Antropotopônimo	
168	Formosa, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
169	Fortaleza, Córrego	F	Português	Sociotopônimo	
170	Fortaleza, Fazenda	H	Português	Ecotopônimo	
171	Fortuna, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
172	Fumaça, Cachoeira da	F	Português	SC	
173	Fundo, Córrego	F	Português	Dimensiotopônimo	
174	Furna do Gato, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
175	Furnas	F	Português	Geomorfotopônimo	
176	Furnas, Cachoeira das	F	Português	Geomorfotopônimo	
177	Furnas, Córrego das	F	Português	Geomorfotopônimo	
178	Furnas, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
179	Furninha, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
180	Galheirinho, Córrego	F	Português	Zootopônimo	
181	Galheiro, Retiro	H	Português	Geomorfotopônimo	
182	Galheiro, Ribeirão	F	Português	Zootopônimo	
183	Galho do Galheiro	F	Português	Zootopônimo	
184	Gameleira, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	

185	Gameleira, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	
186	Garças, Rio das	F	Português	Zootopônimo	
187	Garrafa, Córrego da	F	Português	Ergotopônimo	
188	Gasparina, Ilha	F	Português	Antropotopônimo	
189	Gaúchos, Fazenda dos	H	Português	Etnotopônimo	
190	Gerais, Serra dos	F	Português	Litotopônimo	
191	Gordura, Córrego	F	Português	Ergotopônimo	
192	Gorgulho, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
193	Gorgulho, Ribeirão	F	Português	Litotopônimo	
194	Grande, Córrego	F	Português	Dimensiotopônimo	
195	Grota da Serra Isolada,	F	Português	Geomorfotopônimo	
196	Grota da Vargem, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
197	Grota Funda, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
198	Grota, Córrego da	F	Português	Geomorfotopônimo	
199	Grotão, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
200	Grotão, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
201	Grotinha, Córrego	F	Português	Geomorfotopônimo	
202	Guararapes, Fazenda	H	Tupi Híbrido	Ergotopônimo	
203	Índios, Córrego dos	F	Português	Etnotopônimo	
204	Insula, Ribeirão	F	Português	Geomorfotopônimo	
205	Inveja, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
206	Itarumã, Fazenda	H	Tupi	Litotopônimo	
207	Jacarandá, Fazenda	H	Tupi	Fitotopônimo	
208	Jaguarzinho, Córrego	F	Tupi Híbrido	Zootopônimo	
209	Jandaia, Fazenda	H	Tupi	Zootopônimo	
210	Jataí, Fazenda	H	Tupi	Zootopônimo	
211	Jerônimo II, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
212	João Firmino, Fazenda do	H	Português	Antropotopônimo	
213	Juaguarzinho, Fazenda	H	Tupi Híbrido	Zootopônimo	
214	Juliana, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
215	Lagoa Bonita, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
216	Lagoa Dourada, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
217	Lagoinha, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
218	Lagoinha, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
219	Lajeadozinho, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
220	Lajeadozinho, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
221	Lajinha, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
222	Lalau, Serra do	F	Português	Antropotopônimo	
223	Lambedor, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
224	Lixeira, Lagoa	F	Português	Fitotopônimo	
225	Lontra, Córrego da	F	Português	Zootopônimo	
226	Luciana, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
227	Macalé, Fazenda	H	Português	SC	
228	Magri, Agropastoril	H	Português	Antropotopônimo	
229	Maravilha, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
230	Maravilha, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
231	Marimbondão, Córrego	F	Quimbundo	Zootopônimo	
232	Marimbondão, Lagoa do	F	Quimbundo	Zootopônimo	
233	Marina, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	

234	Marmelada, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
235	Marmelada, Fazenda	H	Português	Ergotopônimo	
236	Marta Rocha, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
237	Marupiara, Fazenda	H	Tupi	Animotopônimo	
238	Mata Rica, Retiro	H	Português	Fitotopônimo	
239	Mata Seca, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
240	Mata, Cachoeira da	F	Português	Fitotopônimo	
241	Mata, Córrego da	F	Português	Fitotopônimo	
242	Mata-burro, Córrego	F	Português	Hodotopônimo	
243	Matrinxã, Córrego	F	Tupi	Zootopônimo	
244	Matula, Córrego	F	Português	Ergotopônimo	
245	Meio, Córrego do	F	Português	Cardinotopônimo	
246	Melancia, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
247	Meruri, Colônia	H	Bororo	SC	
248	Merurinho, Córrego	F	Bororo	SC	
249	Mineirinho, Córrego	F	Português	Etnotopônimo	
250	Mineiro, Furnas do	F	Português	Etnotopônimo	
251	Mineiros, Córrego dos	F	Português	Etnotopônimo	
252	Mineiros, Lagoa dos	F	Português	Etnotopônimo	
253	Mocambo, Córrego	F	Quimbundo	Ecotopônimo	
254	Mocambo, Fazenda	H	Quimbundo	Ecotopônimo	
255	Molha Pelego, Córrego	F	Português	Dirrematotopônimo	
256	Monjolo, Córrego	F	Quimbundo	Sociotopônimo	
257	Montana, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
258	Monte Alegre, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
259	Morrinho, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
260	Morro Alto	F	Português	Dimensiotopônimo	
261	Morro Alto, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
262	Morro Alto, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
263	Mortas de Fome, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
264	Mortes, Rio das	F	Português	Historiotopônimo	
265	Mutum, Córrego	F	Tupi	Zootopônimo	
266	Agropastoril	H	Português	Hagiotopônimo	
267	Nossa Senhora Aparecida,	H	Português	Hagiotopônimo	
268	Nossa Senhora da Guia,	H	Português	Hagiotopônimo	
269	Nova Aliança, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
270	Nova Aurora, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
271	Nova Esperança, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
272	Nova Franca, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
273	Nova Lima, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
274	Nova Maravilha, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
275	Nova Olinda, Córrego	F	Português	Cronotopônimo	
276	Nova Olinda, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
277	Nova Roma, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
278	Nova Vieira, Fazenda	H	Português	Cronotopônimo	
279	Oficina, Córrego	F	Português	Sociotopônimo	
280	Oficina, Córrego	F	Português	Sociotopônimo	
281	Olho d'água, Fazenda	H	Português	Somatotopônimo	
282	Onça, Córrego da	F	Português	Zootopônimo	

283	Otacílio José dos Santos,	H	Português	Antropotopônimo	
284	Ouro Fino, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
285	Ouro Fino, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
286	Ouro Verde, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
287	Pabreulândia, Fazenda	H	Português	SC	
288	Palmitinho, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
289	Palmito, Córrego	F	Português	Fitotopônimo	
290	Palmito, Retiro	H	Português	Fitotopônimo	
291	Panorama, Fazenda	H	Português	Corotopônimo	
292	Panori, Córrego	F	Português	SC	
293	Pantanal, Lagoa do	F	Português	Geomorfotopônimo	
294	Papagaio, Córrego	F	Tupi	Zootopônimo	
295	Paraguaia, Fazenda	H	Tupi Híbrido	Etnotopônimo	
296	Paraná, Córrego	F	Tupi	Hidrotopônimo	
297	Paranavaí, Fazenda	H	Tupi	Corotopônimo	
298	Paredão Grande, Ribeirão	F	Português	Geomorfotopônimo	
299	Paredão, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
300	Passa Vinte, Fazenda	H	Português	Dirrematotopônimo	
301	Passa Vinte, Ribeirão	F	Português	Dirrematotopônimo	
302	Passa Vinte, Rio	F	Português	Dirrematotopônimo	
303	Pau Brasil, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	
304	Paulistinha, Retiro	H	Português	Etnotopônimo	
305	Pedra Branca, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
306	Pedreira Córrego	F	Português	Litotopônimo	
307	Peixinho, Córrego	F	Português	Zootopônimo	
308	Pensamento, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
309	Pereira, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
310	Pereirão, Córrego do	F	Português	Antropotopônimo	
311	Pereirão, Lagoa do	F	Português	Antropotopônimo	
312	Pereirão, Morro do	F	Português	Antropotopônimo	
313	Piauí, Córrego	F	Tupi	Corotopônimo	
314	Pindaíba, Córrego	F	Tupi	Fitotopônimo	
315	Pindaíba, Ribeirão	F	Tupi	Fitotopônimo	
316	Pindaíba, Rio	F	Tupi	Fitotopônimo	
317	Pitomba, Fazenda	H	Tupi	Fitotopônimo	
318	Pitomba, Serra do	F	Tupi	Fitotopônimo	
319	Pitombinha, Córrego	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
320	Planalto, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
321	Pomar II, Fazenda	H	Português	Fitotopônimo	
322	Pompeu, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
323	Pontal, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
324	Ponte Queimada, Fazenda	H	Português	Hodotopônimo	
325	Ponte Queimada, Ribeirão	F	Português	Hodotopônimo	
326	Portão, Córrego do	F	Português	Hodotopônimo	
327	Porteiro, Córrego	F	Português	Sociotopônimo	
328	Porto Alegre, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
329	Porto da Chipinga	F	Português	Geomorfotopônimo	
330	Pousada das Garças,	H	Português	Ecotopônimo	
331	Prata, Córrego da	F	Português	Litotopônimo	

332	Primavera, Fazenda	H	Português	Metereotopônimo	
333	Princesa do Vale, Fazenda	H	Português	Axiotopônimo	
334	Princesa, Fazenda	H	Português	Axiotopônimo	
335	Providência, Córrego	F	Português	Animotopônimo	
336	Pulador, Córrego	F	Português	Hidrotopônimo	
337	Quero-Quero, Morro do	F	Português	Zootopônimo	
338	Ranchão, Córrego	F	Português	Ecotopônimo	
339	Ranchão, Fazenda	H	Português	Ecotopônimo	
340	Rancho Alvorada, Retiro	H	Português	Ecotopônimo	
341	Recanto, Fazenda	H	Português	Sociotopônimo	
342	Redentor, Fazenda	H	Português	Hierotopônimo	
343	Remanso, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
344	Retiro, Córrego	F	Português	Sociotopônimo	
345	Rio Bonito, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
346	Rio Claro, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
347	Rio Pindaíba, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
348	Roça, Córrego da	F	Português	Sociotopônimo	
349	Rochedo, Fazenda	H	Português	Litotopônimo	
350	Roncador, Fazenda	H	Português	Hidrotopônimo	
351	Rosário, Fazenda	H	Português	Hierotopônimo	
352	Salgorino, Fazenda do	H	Português	Antropotopônimo	
353	Salvador, Cachoeira	F	Português	Hidrotopônimo	
354	Samoa, Fazenda	H	Português	Corotopônimo	
355	Sanarda, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
356	Santa Adélia, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
357	Santa Alice, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
358	Santa Cândida, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
359	Santa Catarina, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
360	Santa Clara, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
361	Santa Cruz, Córrego	F	Português	Hierotopônimo	
362	Santa Cruz, Fazenda	H	Português	Hierotopônimo	
363	Santa Elisa, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
364	Santa Eugênia, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
365	Santa Gabriela, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
366	Santa Helena, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
367	Santa Luzia, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
368	nta Maria Adelina, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
369	Santa Maria, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
370	Santa Maria, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
371	Santa Rosa, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
372	Santa Terezinha, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
373	Santana, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
374	Santo André, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
375	Santo Antonio, Agropastoril	H	Português	Hagiotopônimo	
376	Santo Antonio, Córrego	F	Português	Hagiotopônimo	
377	Santo Antonio, Córrego	F	Português	Hagiotopônimo	
378	Santo Antonio, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
379	Santo Antonio, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
380	Santo Bento, Córrego	F	Português	Hagiotopônimo	

381	Santo Reis, Fazenda	H	Português	Hierotopônimo	
382	São Benedito, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
383	São Bento, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
384	São Carlos, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
385	São Domingos, Estância	H	Português	Hagiotopônimo	
386	São Domingos, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
387	São Jerônimo, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
388	São João, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
389	São João, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
390	São Joaquim, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
391	São José, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
392	São José, Lagoa	F	Português	Hagiotopônimo	
393	São Judas, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
394	São Luis, Ribeirão	F	Português	Hagiotopônimo	
395	São Luiz, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
396	São Luiz, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
397	São Manoel, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
398	São Manoel, Retiro	H	Português	Hagiotopônimo	
399	São Marcos, Colônia	H	Português	Hagiotopônimo	
400	São Marcos, Fazenda	H	Português	Hierotopônimo	
401	São Marcos, Rio	F	Português	Hagiotopônimo	
402	São Marcos, Usina	H	Português	Hagiotopônimo	
403	São Miguel, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
404	São Sebastião, Fazenda	H	Português	Hagiotopônimo	
405	Senhor Neguinho, Fazenda	H	Português	Axiotopônimo	
406	Serra Azul, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
407	Sessenta, Córrego	F	Português	Numerotopônimo	
408	Sol Vermelho, Fazenda	H	Português	Astrotopônimo	
409	Sonho Alegre, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
410	Sonhos, Vale dos	F	Português	Animotopônimo	
411	Sossego, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
412	Sucuri, Córrego	F	Tupi	Zootopônimo	
413	Tambori, Fazenda	H	Tupi	Fitotopônimo	
414	Tambori, Retiro	H	Tupi	Fitotopônimo	
415	Tapejara, Fazenda	H	Tupi	Ecotopônimo	
416	Taquaral, Córrego do	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
417	Taquaral, Fazenda	H	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
418	Taquaral, Ribeirão	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
419	Taquaral, Serra do	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
420	Taquaralzinho, Córrego	F	Tupi Híbrido	Fitotopônimo	
421	Terra do Sol, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
422	Terra do Sol, Fazenda	H	Português	Corotopônimo	
423	Tomba Carro, Córrego	F	Português	Dirrematotopônimo	
424	Três Marcos, Córrego	F	Português	Numerotopônimo	
425	Três Marcos, Fazenda	H	Português	Numerotopônimo	
426	Tucano, Córrego	F	Tupi	Zootopônimo	
427	Tupã, Fazenda	H	Tupi	Mitotopônimo	
428	União, Fazenda	H	Português	Animotopônimo	
429	Valadão, Córrego	F	Português	Antropotopônimo	

430	Valadão, Fazenda	H	Português	Antropotopônimo	
431	Vale do Araguaia, Fazenda	H	Tupi	Geomorfotopônimo	
432	Vale do Barreiro, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
433	Vale do Ipê, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
434	Vale do Sonho, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
435	Vale Dourado, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
436	Vale Rico, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
437	Vale Verde, Fazenda	H	Português	Geomorfotopônimo	
438	Varjão Comprido, Córrego	F	Português	Litotopônimo	
439	Veados, Córrego dos	F	Português	Zootopônimo	
440	Veados, Lagoa dos	F	Português	Zootopônimo	
441	Vera Cruz, Fazenda	H	Português	Corotopônimo	
442	Vera Cruz, Retiro	H	Português	Hierotopônimo	
443	Verde, Córrego	F	Português	Cromotopônimo	
444	Vermelho, Córrego	F	Português	Cromotopônimo	
445	Vermelho, Lago	F	Português	Cromotopônimo	
446	Volta Grande, Fazenda	H	Português	Morfotopônimo	
447	Zacarias, Ribeirão	F	Português	Antropotopônimo	

ANEXO C

Quadro 2 - Quantificação dos topônimos do município de Barra do Garças

Taxionomia					
Natureza Antropo-Cultural			Natureza Física		
Classificação	Qtde	%	Classificação	Qtde	%
Animotopônimo	23	5,15%	Astrotopônimo	3	0,67%
Antropotopônimo	27	6,04%	Cardinotopônimo	4	0,89%
Axiotopônimo	7	1,57%	Cromotopônimo	4	0,89%
Corotopônimo	9	2,01%	Dimensiotopônimo	3	0,67%
Cronotopônimo	10	2,24%	Fitotopônimo	48	10,74%
Dirrematotopônimo	6	1,34%	Geomorfotopônimo	43	9,62%
Ecotopônimo	8	1,79%	Hidrotopônimo	43	9,62%
Ergotopônimo	17	3,80%	Metereotopônimo	2	0,45%
Etnotopônimo	10	2,24%	Morfotopônimo	3	0,67%
Hagiotopônimo	48	10,74%	Zootopônimo	29	6,49%
Hierotopônimo	8	1,79%		182	40,72%
Historiotopônimo	2	0,45%			
Hodotopônimo	4	0,89%			
Litotopônimo	35	7,83%			
Mitotopônimo	1	0,22%			
Numerotopônimo	10	2,24%			
Poliotopônimo	1	0,22%			
SC	10	2,24%			
Sociotopônimo	25	5,59%			
Somatotopônimo	3	0,67%			
Toponimização	1	0,22%			
		59,28			
	265	%			
			Natureza Antropo-Cultural	265	
			Natureza Física	182	
			Total		
			geral	447	

ANEXO D

Figura 2

ANEXO E

Fichas lexicográficas-toponímicas

Ficha lexicográfico-toponímica

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (DLCV-DL/USP)

Localização – Mato Grosso Município: Barra do Garças

Topônimo: Rio Araguaia

A.G.: Rio

Tipo: Físico

Taxionomia: Zootopônimo

Etimologia: Rio – [do latim rivu (riu no latim vulgar).] S.m: Araguaia – do tupi Ará-guaya,

Entrada Lexical: “... Curso d’água natural, de extensão mais ou menos considerável, que desloca de um nível mais elevado para outro mais baixo...”; “os papagaios mansos”.

Estrutura Morfológica:

Histórico:

Informações Enciclopédicas:

Contexto:

Fonte: SAMPAIO, T. O tupi na geografia nacional. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987. .

CUNHA, A G. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.,

Pesquisador: Florisvaldo F. dos Santos – R evisor:Prof^aDr^a Maria Vicentina de P.A Dick

Data da Coleta:

Ficha lexicográfico-toponímica

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (DLCV-DL/USP)

Localização – Mato Grosso Município: Barra do Garças

Topônimo: Rio das Mortes

A.G.: Rio

Tipo: Físico

Taxionomia: Historiotopônimo

Etimologia: Mortes – do latim mors, mortis; s.f.

Entrada Lexical: fim da vida, falecimento, termo destruição.

Estrutura Morfológica: TS = S+prep+art+s

Histórico: “A denominação mortes é resultado de uma lenda.... Como ficaram em número reduzido, sofreram ataque das tribos indígenas e os sobreviventes acabaram sendo vítimas dos índios...”

Informações Enciclopédicas:

Contexto:

Fonte: CUNHA, A G. Dicionário Etimológico Nova Fronteira, 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. SAMPAIO, T. O tupi na geografia nacional. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987

Pesquisador: Florisvaldo .F dos Santos - Revisor: Prof^ªDr^ª Maria Vicentina de P.A Dick

Data da Coleta:

Ficha lexicográfico-toponímica

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (DLCV-DL/USP)

Localização – Mato Grosso - Município: Barra do Garças

Topônimo: Cidade de Barra do Garças

A.G.: cidade

Tipo: Humano

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: cidade - **do latim civitas**,; de – preposição; Barra – **do latim barr**,; do – de+o: cont da prep de +o e Garças – **do pré-romano e adaptado ao latim lusitano gartia**

Entrada Lexical: Complexo demográfico formado social e economicamente por uma concentração populacional não agrícola; Pedaco ou desembocadura de rio, bancos ou coroas de detritos carregados pelos cursos d'água e depositados na foz dos rios; Designa aves cicoformes, da família dos ardeídos que são aquáticas.

Estrutura Morfológica: TC = S+prep+s+prep+art+s

Histórico:

Informações Enciclopédicas:

Contexto:

Fonte: CUNHA, A G. Dicionário Etimológico Nova Fronteira, 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

Pesquisador: Florisvaldo . dos Santos

Revisor: Prof^ª Dr^ª Maria Vicentina de P. A . Dick

Data da Coleta: